GRANDES REPORTAGENS DE *PLACAR*

CORINTHIANS

CR$ 3,90
1204-N NOV 01
540
WWW.PLACAR.COM.BR
7 893614 010854

- O TÍTULO MUNDIAL DE 2000
- O FIM DO JEJUM EM 1977
- A INVASÃO DO RIO EM 1976
- AS ERAS RIVELINO E SÓCRATES
- 23 TEXTOS ORIGINAIS DA REVISTA

CARTA AO LEITOR

AMOR À CAMISA

A história do Corinthians nas últimas três décadas, contada nesta edição de PLACAR em 23 reportagens originais da revista, pode ser comparada a um filme épico. Quando a revista nasce, em 1970, o clube está afundado em meio ao mais longo jejum de títulos de sua história, já àquela altura com 16 anos (se excetuado o Rio-São Paulo de 1966, dividido com outros três clubes). Rivelino, o maior ídolo do clube, fez o possível, mas, depois de muitas peripécias, acabaria deixando o clube sem a glória de um título paulista ou brasileiro. O presidente que se desfez dele, Vicente Matheus, tantas vezes criticado nas páginas de PLACAR, acabaria por fim levando o clube de volta à sua tradição de títulos, primeiro com o esforçado time de 1977, que derrotou uma Ponte Preta talvez superior, depois com a geração comandada por Sócrates, na fase da Democracia Corintiana. Todas essas histórias estão nesta edição histórica.

P.S.: A camisa do Corinthians que ilustra a capa desta edição nos foi cedida por cortesia do colecionador paulista João Trinca. Ela foi vestida por Zé Maria no jogo Juventus 0 x 3 Corinthians, no Pacaembu, em 30 de abril de 1975.

ANDRÉ FONTENELLE, REDATOR-CHEFE

SUMÁRIO

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Presidente e Editor: Roberto Civita
Vice-Presidente Executivo e Diretor Editorial: Thomaz Souto Corrêa
Vice-Presidente Comercial: Carlos R. Berlinck
Diretor de Publicidade: Paulo Cesar Araújo
Vice-Presidente de Negócios: Giancarlo Civita

Diretor de Núcleo: Paulo Nogueira

Diretor de Redação: Sérgio Xavier Filho **Diretor de Arte:** Fábio Bosquê Ruy **Redator-Chefe:** André Fontenelle **Editor de Fotografia:** Ricardo Corrêa Ayres **Editores Especiais:** André Rizek, Arnaldo Ribeiro e Fabio Volpe **Repórteres:** Eduardo Cordeiro, Léo Romano e Rodrigo Garofalo **Subeditor de Fotografia:** Alexandre Battibugli **Fotógrafo:** Eduardo Monteiro (RJ) **Diagramadores:** André Koguti e Crystian Cruz **Atendimento ao Leitor:** Silvana Ribeiro **Colaboraram:** Leonardo Fuhrmann, Marcelo Monteiro, Renata Chiurciu, Rita Palon

APOIO EDITORIAL: Depto. de Documentação: Susana Camargo **Abril Press:** José Carlos Augusto **Nova York:** Grace de Souza **Paris:** Pedro de Souza **Rio de Janeiro:** Débora Chaves

Diretor Comercial: Alexandre Caldini

MARKETING E CIRCULAÇÃO: Diretor: Ricardo Packness de Almeida **Gerente de Produto:** Euvaldo Junior **Assistente de Produto:** Erica Lemos **Promoções e Eventos:** Marina Decânio **Projetos Especiais:** Cristina Ventura
PUBLICIDADE: Diretores: Eliani Prado, Rogério Gabriel Comprido, Sérgio Ricardo do Amaral **Gerentes:** Cristiane Tassoulas, Ricardo Luttgardes (RJ) **Executivas de Negócios:** Leda Costa (RJ), Maria Isabel Mandia **Executivos de Contas:** Emiliano Hansenn, Henri Marques (RJ), Renata Miolli
PROCESSOS: Gerente de Produção: Andrea Giovanni Spelta **Coordenadores de Publicidade:** Irla Ferneda, Renato Rosante **Coordenador de Produção:** Ricardo Carvalho
PLANEJAMENTO E CONTROLE: Gerente: Auro Iasi **Consultora Financeira:** Lourdes Oliveira

Gerente Escritório Brasília: Angela Rehem de Azevedo **Diretor de Publicidade Regional:** Jacques Ricardo **Diretor Escritório Rio de Janeiro:** Paulo Renato Simões **Representante em Portugal:** Manuel José Teixeira **Diretor de Publicidade - Classificados:** Pedro Codognotto
ASSINATURAS: Diretora de Operações de Atendimento ao Consumidor: Ana Dávalos
Diretor de Vendas: William Pereira

EM SÃO PAULO: Redação e Correspondência: av. das Nações Unidas, 7221, 15º andar, Pinheiros, CEP 05425-902, tel.: (11) 3037-2000, fax: (11) 3037-5638 **Publicidade:** av. das Nações Unidas, 7221, 14º andar, Pinheiros, CEP 05425-902.

ESCRITÓRIOS E REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE NO BRASIL: Belo Horizonte: av. do Contorno, 5919, 9º and., Bairro do Carmo, CEP 30110-100, Vânia R. Passolongo, tel.: (31) 282-0630, fax: (31) 282-8003 **Blumenau:** r. Florianópolis, 279, Bairro da Velha, CEP 89036-150, M. Marchi Representações, tel.: (47) 329-3820, telefax: (47) 329-6191 **Brasília:** SCN - Q.1 bl. Ed. Brasília Trade Center, 14º and., sl. 1408, CEP 70710-902, Solange Tavares, tel.: (61) 315-7575, fax: (61) 315-7558 **Campinas:** r. Conceição, 233, 26º and., conjs. 2613/2614, CEP 13010-916, CZ Press Com. e Representações, telefax: (19) 3233-7175 **Curitiba:** av. Cândido de Abreu, 651, 12º and., Centro Cívico, CEP 80530-000, Marlene Hadid, tel.: (41) 352-2426, fax: (41) 252-7110 **Florianópolis:** r. Manoel Isidoro da Silveira, 610, sl. 107, Com. Via Lagoa da Conceição, Interação Publicidade, tel.: (48) 232-1617, telefax: (48) 232-1782 **Fortaleza:** av. Desembargador Moreira, 2020, sls. 604/605, Aldeota, CEP 60170-002, SRS Propaganda e Repres. e Com. Ltda., telefax: (85) 264-3939 **Goiânia:** r. 10, 250, lj. 2, Setor Oeste, CEP 74120-020, Middle West Repres. Ltda., tel.: (62) 215-3274, telefax: (62) 215-5158 **Joinville:** r. Dona Francisca, 260, cj. 1408, Centro, CEP 89201-250, Via Mídia Proj. Editoriais Mkt. e Repres. Ltda., telefax: (47) 433-2725 **Londrina:** r. Manoel Barbosa da Fonseca Filho, 500, Jd. San Fernando, CEP 86040-550, Best Seller Repres. Com., telefax: (43) 325-9649 **Porto Alegre:** r. dos Andradas, 1001, sl. 902, Centro, CEP 90020-007, Ana Lúcia R. Figueira, tel.: (51) 3211-6744, fax: (51) 3211-6908 **Recife:** av. Dantas Barreto, 1186, 15º and., sl. 1501, São José, CEP 50020-000, MultiRevistas Publicidade Ltda., telefax: (81) 424-3210 **Ribeirão Preto:** r. João Penteado, 190, CEP 14025-010, Intermidia Repres. e Publ. S/C Ltda., tel.: (16) 635-9630, fax: (16) 635-9233 **Rio de Janeiro:** Praia de Botafogo, 501, 1º and., bl. B, Botafogo, CEP 22250-040, Paulo Renato Simões, tel.: (21) 2546-8100, fax: (21) 2546-8201 **Salvador:** av. Tancredo Neves, 805, sl. 401, Edif. Espaço Empresarial, Pituba, CEP 41820-021, AGMN Consult. Publ. e Repres., telefax: (71) 341-4992/4996 **Vitória:** av. Rio Branco, 304, 2º and., cj. 44, Sta. Lúcia, CEP 29055-916, DU'Arte Propag. e Marketing Ltda., telefax: (27) 325-3329
ESCRITÓRIOS NO EXTERIOR: Nova York: 104 West 27th Street, 11th floor, New York, N.Y. 10001, tel.: (1-212) 924-0001, fax: (1-212) 929-5157, e-mail: abril@walrus.com **Paris:** 33, rue de Miromesnil, 75008 Paris, tel.: (00331) 42.66.31.18, fax: (00331) 42.66.13.99, e-mail: abril-paris@wanadoo.fr **Portugal - Importação Exclusiva e Comercialização:** Abril-Controljornal-Editora, Lda., Largo da Lagoa, 15C, 2795 Linda-a-Velha, tel.: (003511) 416-8700, fax: (003511) 416-8701. Distribuição: Deltapress-Sociedade Distribuidora de Publicações, Lda., Capa Rota, Tapada Nova, Linhó, 2710 Sintra, tel.: (003511) 924-9940, fax: (003511) 924-0429

EDITORA ABRIL: Interesse Geral: Veja, Veja São Paulo, Veja Rio, Veja Edições Regionais, Veja na Sala de Aula, Superinteressante, Web **Negócios:** Exame, Brasil em Exame, Melhores & Maiores, Você S.A., Info Exame **Femininas:** Claudia, Claudia Cozinha, Elle, Nova, Nova Beleza, Capricho, Manequim, Ponto Cruz, Faça e Venda, Boa Forma, Viva Mais!, Anamaria, Contigo, Minha Novela, Horóscopo **Masculinas:** Playboy, Placar, Quatro Rodas, Vip **Turismo e Aventura:** Viagem e Turismo, National Geographic **Guias:** Brasil, Rodoviário, São Paulo, Rio de Janeiro, Campinas, Belo Horizonte, Estradas, Praias, Mapas das Capitais, Rio-Santos, Atlas Rodoviário **Casa e Família:** Casa Claudia, Arquitetura & Construção, Saúde!, Bons Fluidos **Infanto-Juvenis:** Ação Games, Recreio, Digimon, Disney, Super-heróis, revistas e livros de atividades **Abril Multimídia:** Livros Ilustrados, CDs, Fascículos e Vídeos em Séries **Anuários:** Almanaque Abril, CD-ROM do Almanaque Abril, Guia Abril do Estudante
Editora Caras, Editora Símbolo, Abril Controljornal/Edipresse, em Portugal, Editorial Primavera, na Argentina
Internet: Idealyze, Abril.com, UOL, Usina do Som, @jato **Entretenimento:** MTV Brasil, Abril Music, Abril Eventos, Abril Produções **TVA:** TVA Rio, TVA Sul Paraná, TV Filme Goiânia, TV Filme Brasília, TV Filme Belém **Datalistas:** O maior e mais completo banco de dados do país **Educação:** Editora Ática, Editora Scipione **Fundação Victor Civita:** Nova Escola

PLACAR 1201 (ISSN 0104-1762), ano 32/nº 31, é uma publicação semanal da Editora Abril S.A. **Edições anteriores:** solicite ao seu jornaleiro ou pelo e-mail: abril.ea@abril.com.br. O preço será o da última edição em banca, acrescido da tarifa de postagem quando for enviada pelo correio (sempre que houver disponibilidade no estoque). Distribuída em todo país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo **PLACAR** não admite publicidade redacional.

IVC | IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A. | ANER

Presidente e CEO: Roberto Civita
Gabinete da Presidência: José Augusto Pinto Moreira, Thomaz Souto Corrêa
Vice-Presidentes: Carlos R. Berlinck, Cesar Monterosso, Giancarlo Civita, José Wilson Armani Paschoal, Valter Pasquini

O TIMÃO NÃO QUEBROU O JEJUM NO CAMPEONATO PAULISTA DE 1971. Mas nele conseguiu uma vitória inesquecível, de virada, em cima do maior rival

NO TIMÃO A RAÇA DE 1954

A vitória surgiu entre risos e lágrimas. Uma vitória como as dos grandes dias do Corinthians. Uma virada tão emocionante que ficará para sempre

>> POR MICHEL LAURENCE

Foi um jogo de arrepiar cabelo. Desses que você não acredita no que está vendo. A virada do Corinthians parece que estava no ar. Todo mundo sentindo seu cheiro e adivinhando o que ia acontecer. Não se sabe como, mas todo mundo sentiu, e daí a vitória, que teve mais sabor.

— O espírito do time de 54 baixou nessa rapaziada.

Miguel Martinez, nessa frase, parecia estar revivendo o ano em que foi diretor de futebol do Corinthians. A saudade daquele time era tão grande que Martinez parecia apenas ter mudado de vestiário. No fundo, ele ainda estava conversando com Luisinho, Baltazar, Carbone, Roberto, Gilmar, Olavo, Cláudio. Só que diante dele estavam desfilando jogadores muito mais jovens, cheios de vida, de vibração, de amor. Apenas mais jovens.

Para um Roberto Belangero, ali na sua frente, estava um Adãozinho, tímido, 19 anos, uma calma de impressionar.

— Não tenho com que me assustar. Estou acostumado com essa torcida do Corinthians desde os juvenis. Não me perturbei (Adãozinho).

E a bola entrando no canto superior do gol de Leão. E o passe saindo, medido, para os pés de Tião, de Mirandinha. Os gols surgindo, a raça em campo, a vontade de ganhar.

Para os olhos de Martinez, ali estava Rivelino, moreno, do chute potente, do lançamento preciso, nervoso e raivoso, no lugar de Luisinho, pequeno, loiro, do drible curto e malicioso. A voz quase chorosa de Rivelino:

— Como é que pode o Armando me expulsar? Não fiz nada. Depois a gente dá um soco num cara desses e todo mundo nos chama de moleque. Mas ele merecia. Eu não revidei o pontapé do Leivinha.

Para a elegância de Gilmar, ali naquele vestiário, bem maior e mais iluminado do que o do Pacaembu, estava Ado, o goleiro adorado pelas meninas.

— A gente bem que precisava de uma vitória dessas. Quase morri no terceiro gol do Palmeiras, mas o time teve raça. A gente precisava muito dessa vitória e eu precisava mais do que todo mundo.

Para o lugar de Baltazar, das cabeçadas maravilhosas, Mirandinha está na frente de Martinez. Veloz, fuçador, valente. Para o lugar de Idário, um lateral que era driblado 15 vezes, mas que nunca estava batido, hoje está Zé Maria, o "Super-Zé", que não é driblado e, ainda por cima, dribla todos os adversários.

Esse é o time que a torcida sentiu renascer no Morumbi. Dois a zero para o Palmeiras no final do primeiro tempo era para enrolar a bandeira e ir para casa, desesperado. Mas existia um fato que tinha que ser levado em conta: o Palmeiras está jogando dois campeonatos e está dando mais importância à Taça Libertadores. Por isso Rubens Minelli, o técnico do Palmeiras, teve que poupar Héctor Silva e colocar Leivinha, um grande jogador, muito mais ofensivo. Ali o Palmeiras se perdeu. Um Palmeiras que já vinha recebendo a carga enorme da reação raçuda do Corinthians. Foi ali que o Corinthians de 54 reapareceu. Tanto assim que, depois de empatar o jogo em 2 x 2 o Corinthians, mesmo sofrendo o terceiro gol, ainda teve vontade, coragem para empatar novamente e raça para conseguir o gol da vitória.

"DOIS A ZERO PARA O PALMEIRAS NO FINAL DO PRIMEIRO TEMPO ERA PARA ENROLAR A BANDEIRA E IR PARA CASA, DESESPERADO"

25/4/71 MORUMBI (SÃO PAULO)

CORINTHIANS 4 X 3 PALMEIRAS

J: Armando Marques; **R:** Cr$ 405 269; **G:** César 30 segundos e 9 do 1°; Mirandinha 5, Adãozinho 24, Leivinha 25, Tião 27 e Mirandinha 43 do 2°; **E:** Leivinha e Rivelino
CORINTHIANS: Ado, Zé Maria, Luís Carlos, Sadi e Pedrinho; Tião, Rivelino e Samarone (Adãozinho); Lindóia (Natal), Mirandinha e Peri. **T:** Francisco Sarno
PALMEIRAS: Leão, Eurico, Baldocchi, Luís Pereira e Dé; Dudu, Ademir da Guia e Héctor Silva (Leivinha); Fedato, César e Pio. **T:** Rubens Minelli

Uma virada histórica:
Mirandinha fez o gol da vitória

O GAROTO DO PARQUE NUNCA CONQUISTARIA PELO CLUBE UM TÍTULO PAULISTA OU BRASILEIRO. Poucos meses antes de deixá-lo, ele dava a PLACAR um depoimento sobre o quanto isso o angustiava

SÓ QUERO SER CAMPEÃO NO CORINTHIANS

Em quase uma hora de conversa, Rivelino se emocionou. Um depoimento comovente de amor ao clube em que chegou pobre e de onde, mesmo rico, não quer sair sem antes de um título

» POR JOSÉ MARIA DE AQUINO

Eu entendo todos eles, os que me querem fora do Corinthians e os que torcem para que eu continue lá, jogando por muitos anos. Entendo quando me aplaudem e quando me vaiam, quando gritam contra mim, quando reclamam que não faço gols, que não luto, que não quero nada. Uma torcida como a do Corinthians, que pega trem ou ônibus para enfrentar o sol ou a chuva da geral, que depois de tantos anos ainda se mantém fiel, essa torcida tem o direito de gritar contra a derrota e de reclamar contra o zero a zero. Entendo e aceito essa gente. Podem não acreditar, mas eu sou muito parecido com ela.

Sei que lá de longe ela não pode entender que tem dia que não dá pra gente fazer tudo o que deseja. Às vezes, a gente quer meter uma bola pro Vaguinho, pega errado e acaba deixando o Lance cara a cara com o goleiro, prontinho para fazer o gol. Nesse dia a gente logo sente que tudo vai dar certo. A galera levanta, grita, não quer saber por que deu certo. No dia da vaia ela também não quer saber por que deu errado. A torcida está errada? Não, ela está na dela.

Sou um pouco inibido, não gosto de arrumar desculpas. Falo pouco desses problemas, dessa minha encucação, mas sei o que gostaria que acontecesse em minha vida.

Eu gostaria de ser campeão paulista pelo Corinthians. Não quero ser por outro. Não trocaria esse título por nenhum outro. Gostei muito de ter ganhado aquele título no México e fiz tudo para ganhar a Copa na Alemanha. Mas, se fosse possível escolher, eu não pensaria das vezes. Não falo isso sem sentir. Olha só como meu braço está arrepiado. Eu me emociono facilmente.

Acho que nem todos acreditam em mim quando falo essas coisas. Falam que eu não ligo para nada, que sou nervoso, que só penso em dinheiro, que já estou rico. Falam até que eu sou palmeirense. Eu já fui torcedor do Palmeiras e nunca escondi isso de ninguém. Já sofri vendo o Palmeiras perder e já fiquei sentadinho num canto do banco do Banespa com os olhos grudados no que o Chinesinho, o Fiúme, e o Julinho faziam com a bola. Mas depois me desiludi. Fui treinar no Parque Antártica e não me deram a menor atenção. No Corinthians foi diferente. Me receberam de braços abertos. É minha segunda casa.

Às vezes sinto medo da torcida, porque ela sofre tanto que pode ficar perturbada a ponto de fazer alguma coisa contra mim. E eu seria capaz de fazer muita coisa para vê-la feliz. É por mim também, pelos meus filhos, pela história, pelo que será repetido até o fim da vida, mas é principalmente pela torcida, pela galera, que eu quero ser campeão paulista pelo Corinthians. Quando tenho que renovar contrato fico com medo de precisar sair do Corinthians. Acho que não saberei vestir outra camisa.

Não quero ser o maior de nada. Quero é ganhar um título paulista pelo Corinthians, sem precisar ser ajudado por ninguém, nem por juiz, nem por dirigente, por ninguém. Quero é mostar que sou corintiano como todo mundo, que sofro como a galera, que não nasci rico, que durante dois anos peguei duas conduções para ir treinar. Quero é que saibam é que eu entendo a torcida quando ela me vaia, da mesma forma que a entendo e gosto quando ela me aplaude, quando ela quer sair me carregando. Quando parar de jogar eu vou estar misturado com ela. Eu sou Corinthians.

"FALAM ATÉ QUE EU SOU PALMEIRENSE. EU JÁ FUI TORCEDOR DO PALMEIRAS E NUNCA ESCONDI ISSO DE NINGUÉM"

A tensa final de 1974: Rivelino não jogou bem e o Palmeiras de Luís Pereira levou a melhor

UM DOS GOLS MAIS FAMOSOS DA HISTÓRIA do futebol foi marcado por Riva numa obscura partida de Campeonato Paulista: do meio de campo, como Pelé tentou e não conseguiu na Copa de 70

RIVA FAZ O GOL DE PELÉ

A bola chutada por Rivelino descreveu uma trajetória de exatamente 54 metros, subindo e depois descendo, para entrar no gol

Quietinho, Rivelino vinha ensaiando a jogada nos treinos. Domingo, quando Lance entregou-lhe a bola de lado, ao dar a saída do segundo tempo de Corinthians x América de Rio Preto, no Parque São Jorge, ele resolveu tentar. E chutou, bem da marca do meio-campo. A torcida se acomodava nas arquibancadas quase lotadas, os reservas ainda nem haviam voltado aos bancos, os fotógrafos preparavam suas máquinas, e o cabeludo goleiro Pirangi estava encostado junto à trave direita, com as mãos no rosto, rezando. Pirangi despertou de suas orações com o barulho de umas 20 mil pessoas, mais espantadas, como ele, do que propriamente alegres.

É que a bola chutada por Rivelino descreveu uma trajetória de exatamente 54 metros, subindo e depois descendo, para entrar no gol. Foi com tanta força que estufou a rede e voltou. Eram decorridos cinco segundos do segundo tempo, conforme os cronômetros das emissoras de rádio. Rivelino acabava de marcar um gol inédito na história do futebol brasileiro, do meio-campo, como Pelé sonha há vários anos (Diz o comentarista Mauro Pinheiro que Leônidas da Silva marcou um assim em 1942 no estádio de São Januário, no Rio, pela Seleção Paulista contra o goleiro Jurandir, da Seleção Carioca).

O maravilhoso gol de Rivelino foi a cena mais bonita de um espetáculo promissor iniciado no fim de semana: o Campeonato Paulista. Em sete jogos, 20 gols (quase três por partida), boas rendas, uma goleada e nenhum 0 x 0.

O Corinthians, não pelo gol do meio-campo, mas pelos outros quatro que enfiou num adversário frágil, deu a melhor exibição e conseguiu a vitória mais convincente, em tarde festiva de duas estréias felizes: o técnico Sílvio Pirilo (com um 5 x 0) e Zé Roberto, autor do belo gol de abertura, de voleio (os outros foram de Vaguinho e Lance, dois).

"DIZ O COMENTARISTA MAURO PINHEIRO QUE LEÔNIDAS DA SILVA MARCOU UM ASSIM EM 1942 NO ESTÁDIO DE SÃO JANUÁRIO, NO RIO, PELA SELEÇÃO PAULISTA, CONTRA O GOLEIRO JURANDIR, DA SELEÇÃO CARIOCA"

4/8/74 PQ. SÃO JORGE (SÃO PAULO)
CORINTHIANS 5 X 0 AMÉRICA-SP
J: Oscar Scolfaro; **R:** Cr$ 187 892; **P:** 19 668; **G:** Zé Roberto 18 e Vaguinho 26 do 1°; Rivelino 5 segundos, Lance 26 e 34 do 2°
CORINTHIANS: Ado, Zé Maria, Laércio, Zé Roberto II e Vladimir; Tião, Rivelino (Adãozinho) e Marco Antônio (Severo); Vaguinho, Lance e Zé Roberto.
T: Sflvio Pirillo
AMÉRICA-SP: Pirangi, Paulinho, Dobreu, Jair e Cleto; Nélson Brandi (Chaim), Didi e Zuza; Paraná, Netinho e Paulinho

Rivelino na tarde em que fez um gol do meio-campo: levanta a cabeça!

RIVELINO HAVIA OU NÃO AGREDIDO o bandeirinha no jogo Corinthians x Botafogo de Ribeirão? Às vésperas da final do Paulista e com 20 anos de jejum nas costas, o julgamento do ídolo corintiano parou São Paulo. No fim, em vez de dois anos, ele pegou cinco jogos

A FINAL JÁ COMEÇOU

Com Rivelino na final, o Timão já tem um plano revolucionário para chegar ao título

>> POR MAURÍCIO CARDOSO E CARLOS MARANHÃO

Dia 22 de dezembro o Corinthians estará disputando o jogo mais importante de seus últimos 20 anos. Nos próximos 40 dias, tempo que falta para a final, eles vão treinar nos moldes de uma Seleção Brasileira que se prepara para a Copa do Mundo. Serão condicionados física, técnica, tática e psicologicamente para jogar 90 minutos (ou 120, no caso de uma eventual prorrogação). De agora em diante, os jogos restantes do segundo turno não passarão de treinos para o sonho da maior, mais sofrida e mais fiel torcida de São Paulo: a conquista do campeonato.

O plano é um novo passo do Corinthians em direção a um final feliz para o drama que vem vivendo desde 1955. Antes dele, recebeu a notícia que tanto esperava: Rivelino, o principal astro do elenco, estará presente ao ato final.

Embora muitos acreditassem numa tragédia, aconteceu a comédia. Das 21h40 do dia 5 até 1h25 do dia 6, nove senhores de ares circunspectos, os juízes do Tribunal de Justiça Desportiva, julgaram o processo 567, indiciando o atleta Roberto Rivelino no artigo 1190 do Código Brasileiro Disciplinar de Futebol, por agressão ao juiz ou aos seus auxiliares.

Para José de Oliveira Magalhães, presidente do TJD, aquele era um processo normal. Os quase cem jornalistas e a câmara de TV presentes na apertada sala de 21 cadeiras do terceiro andar da sede da Federação Paulista de Futebol provaram no entanto que era um processo especialíssimo. Sem dúvida, pelo menos bem diferente do processo julgado quase à revelia, algumas horas antes, quando o desconhecido atleta José Roberto Simão, do misterioso Guairense, foi suspenso por um ano por idêntica acusação de agressão.

Durante cerca de quatro horas, Rivelino foi acusado (pouco) e defendido (muito). Sílvio Acácio Silveira, árbitro da tão controvertida partida Corinthians x Botafogo, de acusador acabou transformado num réu acuado.

Provou-se a possibilidade e a impossibilidade de a agressão ao bandeirinha Mário Molina ter realmente ocorrido. Foram lembrados os casos de Milton Buzzeto, Everaldo, César, Brito e Renê, que agrediram e foram duramente punidos. Apelou-se para a sobrevivência do futebol brasileiro, que tem no acusado a sua figura mais brilhante do momento. Discorreu-se sobre a gramática. E, depois de se invocar inclusive Jesus Cristo, tomou-se como justo, por cinco votos contra quatro, transformar o suposto pontapé — que ninguém afirmou ter visto — em desrespeitoso cutucão. Com a desqualificação, Rivelino foi enquadrado no artigo 108 do CBDF, recebendo suspensão de cinco jogos.

Enquanto era julgado, Rivelino dormia em sua casa, numa atitude que tanto podia significar tranqüilidade, como ele mesmo afirmaria mais tarde, ou preocupação, a mesma que fez com que Elisa, a torcedora-símbolo, deixasse a sala do tribunal na hora em que ia começar o julgamento.

— Vim ver meu menino. Confio na justiça esportiva, mas estou muito nervosa.

Por mais discutível que tenha sido o veredicto, ele no mínimo fez justiça para com as pessoas que, como Elisa, têm acompanhado o Corinthians nas suas angústias e glórias, sempre com amor e fidelidade. Se Rivelino teve suas culpas — e está pagando por elas de alguma forma —, a massa não merecia esse novo sofrimento.

"DEPOIS DE SE INVOCAR INCLUSIVE JESUS CRISTO, TOMOU-SE COMO JUSTO, POR CINCO VOTOS CONTRA QUATRO, TRANSFORMAR O SUPOSTO PONTAPÉ EM DESRESPEITOSO CUTUCÃO"

12/10/74 PQ. SÃO JORGE (S. PAULO)
CORINTHIANS 0 X 1 BOTAFOGO-SP
J: Sílvio Acácio Silveira; **R:** Cr$ 167 500; **P:** 17 202; **G:** Geraldo 15 do 2º; **E:** Rivelino 16 do 2º
CORINTHIANS: Ado, Zé Maria, Baldocchi, Brito e Wladimir; Nilton (Carlos Alberto), Adãozinho e Rivelino; Vaguinho, Lance e Zé Roberto. **T:** Sílvio Pirilo
BOTAFOGO: Jorge, Ferreira, Paulo, Manuel e Heraldo; Júlio Amaral, Renê e João Carlos; Geraldo, Sócrates e Nenê. **T:** Tiri

A cena que causou toda a confusão: afinal, Riva chutou o bandeirinha ou não?

O ÍDOLO ACABOU VIRANDO O BODE EXPIATÓRIO DA PERDA DO TÍTULO DE 1974 para o Palmeiras. A dois meses das eleições no clube, o presidente Vicente Matheus decidiu afastá-lo e o venderia para o Fluminense

NADA ALÉM DE UMA ILUSÃO

O Corinthians quer vender, Rivelino quer sair. O único problema é o preço. E quem tem 5 milhões para gastar?

» POR JOSÉ MARIA DE AQUINO

Depois de 15 dias de suspense, de julgamentos públicos, de condenações e absolvições, de evasivas e silêncios comprometedores, de explorações políticas, de seis horas de reuniões — três pela manhã e três à noite —, o Corinthians acabou julgando Rivelino como o único culpado pela perda do título paulista de 1974, e o presidente Vicente Matheus, escondendo seu velho desejo de vendê-lo, anunciou esse veredicto:

— Posso estar errado, mas minha única intenção é acertar para o bem do Corinthians. Como torcedor eu também exigiria do Rivelino, mas como presidente tenho que agir diferente. Ele é patrimônio do clube e não vamos negociá-lo. Ao contrário. Queremos contratar outros craques como ele.

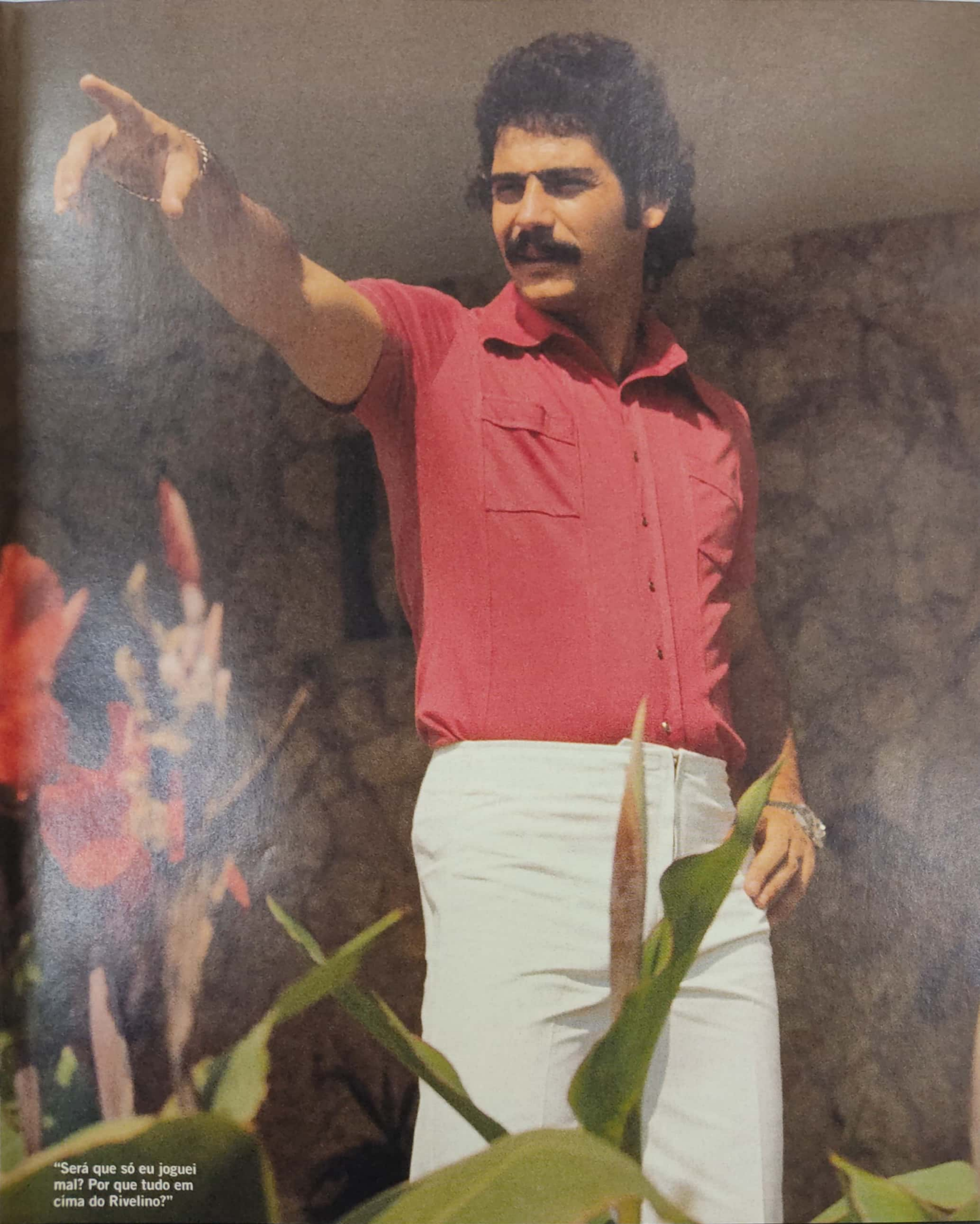
Em 15 dias, da noite da perda do título à noite do julgamento, Matheus passou de acusador ativo a apaziguador sensato. Armou um esquema que lhe permite saídas por vários lados, dividindo seu grupo de amigos entre acusadores e defensores, e só se esqueceu de um detalhe: depois de receber, sem defesa, todo tipo de acusação, de ser chamado de covarde, entregador, afinado, de ver as acusações passarem do campo profissional para atingir o pessoal, o que é que Rivelino acha de tudo isso?

Em agosto do ano passado, numa das muitas declarações de amor ao Corinthians, Rivelino disse que ficaria muito triste se um dia precisasse mudar de time, que entendia todas as exigências da torcida, que perdoava aqueles que gritavam contra ele, que amava o clube tanto ou mais do que qualquer outro e que, se lhe dessem o direito de escolher a realização de um grande desejo, pediria para ser campeão pelo Corinthians. Só servia pelo Corinthians. Não adiantava nem servia com outra camisa. Nem com a Seleção Brasileira.

— É. Continuei pensando assim até o fim daquele jogo do dia 22. Não chorei em público porque não sou de fazer cenas, de achar que todo mundo precisa registrar meus sentimentos para eles serem válidos. Chorei sozinho, em casa, num canto. Até depois do jogo eu pensei que entendia a torcida e que devia perdoar sempre aqueles que muitas vezes gritavam contra mim.

Rivelino não se entusiasmou nem pareceu decepcionado com a decisão revelada e a escondida que Vicente Matheus tomou com relação ao seu futuro no clube. Barba por cortar desde o dia da decisão, um pouco abatido, falando que ainda não era hora de falar nada, mas falando, revelava — com a concordância do pai — que depois da decisão tomada pela diretoria ainda faltava a sua decisão. Rivelino prefere indagar por que só ele está pagando pela perda do título:

— Eu realmente não joguei bem, mas ninguém pode duvidar do que eu queria. Quem não gostaria de ser campeão pelo Corinthians? Eu gostaria, sonhava marcar dois, três gols. Mas não deu. Perguntam por que eu joguei muito atrás, por que não fui para a frente. Se foi por ordem ou não do Pirilo. Ele me deu liberdade de ir à frente, quando desse. Mas acontece que quase não encontrei oportunidades para isso. Adiantaria alguma coisa ir dar trombadas, brigar contra uma defesa fechada, sair de onde eu podia servir melhor ao time e cair na marcação do Dudu? Será que só eu joguei mal? Por que tudo em cima do Rivelino? O Corinthians está há 20 anos sem ganhar um título paulista. Eu só estou jogando nos últimos dez anos mas todo mundo me responsabiliza pelo tempo todo. É possível isso?

"O CORINTHIANS ESTÁ HÁ 20 ANOS SEM GANHAR UM TÍTULO PAULISTA. EU SÓ ESTOU JOGANDO NOS ÚLTIMOS DEZ ANOS MAS TODO MUNDO ME RESPONSABILIZA PELO TEMPO TODO. É POSSÍVEL ISSO?"

"Será que só eu joguei mal? Por que tudo em cima do Rivelino?"

ERAM 22 ANOS SEM TÍTULO, A SEMIFINAL DO BRASILEIRO seria em apenas um jogo, contra o Fluminense, no Maracanã. Setenta mil corintianos não tiveram dúvida: tomaram o caminho da Dutra

A INVASÃO DA FIEL

Eram 70 mil corintianos no Rio. Um susto. Mas terminou num piquenique e num carnaval

>> POR ARISTÉLIO ANDRADE E RAUL QUADROS

"Ali é o mar, aqui é a areia, aquilo lá é mulher." Ao longo da congestionada Copacabana e de outras praias mais aristocráticas, os invasores receberam apresentações desse tipo. No entanto, a massa corintiana se concentrou em outros pontos. A velha Lapa, o desprestigiado centro do Rio reviveram, com seus hotéis modestos, com seus botequins antigos. Descobriu-se: o povão come, o povão bebe. Mal se abriam as portas, e a invasão se consumava, ao nível da necessidade alimentar.

Na manhã de sábado, sentia-se o peso das hordas alvinegras. Viam-se, enfim, no Rio, a cara e a alma da espécie corintiana. Com a vitória, todos chegariam à zona sul, procurando espaço para os desfiles, os gritos e as batucadas: lá já estavam os corintianos bem postos, os que puderam pagar, no Hotel Nacional, a proximidade íntima com seus heróis, de Tobias a Romeu.

Mas foi por outras quebradas que o povão se espalhou. Do Estácio para o norte, começa um Rio pouco ostensivo — mas que tem, do Maracanã para diante, samba, prontidão e outras bossas. E a Quinta da Boa Vista se transformou em ante-sala do Maracanã, palco do primeiro grande piquenique paulista em domínios cariocas. Foi a partir dali que o povão se espalhou. Para o centro, primeiro. Era preciso encontrar a versão carioca de um Jeca — o café que jamais fecha, na esquina paulista de Ipiranga e São João. Era preciso forrar o estômago — era preciso, enfim, ver o Rio, sentir a barra, procurar as bandeiras do Flu e os aliados da ocasião — o Flamengo, de preferência, o Vasco para aumentar a força do branco e preto num Maracanã que, ainda se acreditava, seria berrantemente tricolor.

O passo seguinte seriam as praias — a irônica apresentação ao mar, à areia, às mulheres. Queimados, salgados e cervejados, alguns corintianos de dinheiro curto chegaram a plantar a bandeira do Timão sobre as areias de Copacabana. No sonho, chegavam à Lua. Sem atropelos, pois nessa hora já se viam pela avenida Atlântica carros de placa carioca alternando, de um lado, a bandeira do Corinthians, do outro a do Fla ou a do Vascão. E cadê o Fluminense?

"Corintianos pela direita", indicavam, além de alguns policiais, vários tricolores de boa vontade. E um rapaz — Luís Carlos, da torcida organizada — completava: "Fluminense, gente fina, pela esquerda! O resto pela direita." Mas que resto? Resto era ele, os corintianos eram 70 mil. Comprimiam-se em meio Maracanã. Na outra metade, folgava o espaço para a tricolagem.

Sumido o último jogador de campo, foi a tonteira. Ninguém encontrava o portão de saída, todos procuravam o ônibus que levaria seus deuses ao Hotel Nacional. Debaixo de chuva, iniciava-se a volta. Para São Paulo, direto. Via botequins, para os que guardaram o da fome. Para o Hotel Nacional, o Castelinho, Ipanema — os que levavam no bolso algo mais que a paixão pelo Timão.

Luís de Sousa, 48 anos, morador de Sertãozinho, veio ver o seu Timão, em busca de um reencontro com 22 anos atrás, quando o clube conquistara o último grande título. Vibrou, reconciliou-se com a vida. E ficou sonhando com o próximo passo (segundo ele): os corintianos dispersando-se pelo mundo, em apoio a seus ídolos, quando o time, como o Cruzeiro de agora, disputar o Mundial de Clubes. Em 1977, diz ele. Será?

"NA MANHÃ DE SÁBADO, SENTIA-SE O PESO DAS HORDAS ALVINEGRAS. VIAM-SE, ENFIM, NO RIO, A CARA E A ALMA DA ESPÉCIE CORINTIANA"

FERNANDO PIMENTEL

Setenta mil pessoas ocupam arquibancadas e cadeiras: é a Fiel

O FLUMINENSE SAIU NA FRENTE, o Timão empatou no Maracanã encharcado. A classificação para a final (onde o Inter acabaria com o sonho) veio nos pênaltis

O PRIMEIRO CHORO DA GRANDE ALEGRIA

Uma vitória do tamanho do sonho corintiano: um jogo, uma prorrogação e no quarto pênalti a vibração total

>> POR JOSÉ MARIA DE AQUINO E DIVINO FONSECA

Em carros, ônibus, motos, bicicletas, aviões, caminhões, trens ou até mesmo a pé, eles foram chegando carregados de bandeiras, carregados de esperança. Tomaram conta da cidade, invadiram as praias, invadiram os bares, invadiram o estádio. E, quando Zé Maria marcou o quarto gol da série de pênaltis, eles explodiram no Maracanã. Receberam os aplausos do próprio time, perfilado após a sofrida vitória atrás do gol que assistiu aos milagres de Tobias. E tomaram novamente as ruas num delírio indescritível. Indescritível como a própria vontade de viver.

O jogo Fluminense e Corinthians não entrará na história pelo resultado e por quem classificou. Ele, por si só, pelo clima criado, pelo verdadeiro êxodo dos paulistas, pelo entusiasmo da torcida do Corinthians, pelo resultado que ela ofereceu, já tem um lugar de destaque na história do futebol brasileiro. Foi, sem dúvida, a maior demonstração de amor que uma torcida poderia dar. Os corintianos chegaram aos milhares e sua alegria marcou a cidade. Nunca, em momento algum, nem nos carnavais, tantos paulistas viajaram para o Rio.

Passava um pouco das 13h quando os portões do Maracanã foram abertos. E começou a invasão histórica do povão. A torcida do Corinthians, engrossada pelos torcedores de Vasco e Flamengo, espremeu a do Fluminense, apesar do isolamento da PM nas arquibancadas. Tomou conta das cadeiras. E, em pouco menos de uma hora, aconteceu um fato inédito na história do maior estádio do mundo: os bares fecharam, já não havia mais nenhuma garrafa das 120 mil cervejas, dos 80 mil refrigerantes.

Os corintianos não se contentaram com os foguetes. Trouxeram os velhos rojões comuns nas festas de São João. E numa loucura, acrescida de certa dose de imprudência, aplaudiram a entrada do Timão em campo. Logo depois era a vez do Fluminense: duas toneladas de talco embranqueceram todo o estádio. E as nuvens de pó-de-arroz só foram dissipadas quando uma violenta chuva começou a desabar. E foi nesse clima de nervosa expectativa que o jogo começou.

O primeiro gol surgiu numa bola espirrada na área do alvinegro. Pintinho se antecipou e, de lado de pé, desviou o centro para dentro do gol. Tobias nem se mexeu.

O gol e a chuva que engrossava esfriaram a torcida paulista. Mas o Timão crescia em campo. Aos 29, Vaguinho cobrou um córner na esquerda. A defesa do Fluminense parou, Neca cabeceou. Ruço, desequilibrado, em meia bicicleta, desviou a bola dos braços de Renato. Um golaço.

Com o campo alagado começou o segundo tempo. O Fluminense, empurrado pela torcida, começou a tentar o abafa. A Fiel, maravilhosa, respondia. Os jogadores correspondiam. A cada ataque, um contra-ataque. Veio a prorrogação. E nada, além de uma constatação da massa corintiana: o bicho não era tão feio como tinham pintado.

Vieram os pênaltis. Neca marcou o primeiro. Rodrigues perdeu o do Flu. O juiz anulou. Ele perdeu novamente. Depois foi a vez de o grande capitão errar. Ruço converteu, Moisés também e Zé Maria fez o que transformou o Maracanã no palco do maior carnaval paulista da história.

"EM POUCO MENOS DE UMA HORA, ACONTECEU UM FATO INÉDITO NA HISTÓRIA DO MAIOR ESTÁDIO DO MUNDO: OS BARES FECHARAM, JÁ NÃO HAVIA MAIS NENHUMA GARRAFA DAS 120 MIL CERVEJAS, DOS 80 MIL REFRIGERANTES"

5/12/76 MARACANÃ (RIO)
J: Saul Mendes (BA); **R:** Cr$ 4 027 250; **P:** 146 043; **G:** Carlos Alberto Pintinho 18 e Ruço 29 do 1°; **CA:** Rodrigues Neto, Moisés, Ruço e Vaguinho; **Nos pênaltis:** Corinthians 4 (Neca, Ruço, Moisés e Zé Maria) x 1 Fluminense (Carlos Alberto Pintinho; Rodrigues Neto e Carlos Alberto Torres perderam)
FLUMINENSE: Renato, Rubens Galaxe, Carlos Alberto Torres, Edinho e Rodrigues Neto; Carlos Alberto Pintinho e Cléber (Erivelto); Gil, Doval, Rivelino e Dirceu. **T:** Mário Travaglini
CORINTHIANS: Tobias, Zé Maria, Moisés, Zé Eduardo e Vladimir; Ruço e Givanildo (Basílio); Vaguinho, Geraldo (Lance), Neca e Romeu. **T:** Duque

Ruço e 70 mil corintianos encaram o Flu e o Maracanã encharcado

DUAS DÉCADAS DE SOFRIMENTO chegaram ao fim com o libertador gol de Basílio na decisão contra a Ponte Preta. A festa da torcida corintiana tomou as ruas de São Paulo

UMA CAMISA LISTRADA E SAÍRAM POR AÍ

Botou uma camisa listrada e saiu por aí. Em vez de tomar chá com torradas, ele tomou parati. Levava um canivete no cinto e um pandeiro na mão. E sorria quando o povo dizia: "Sossega, leão"

>> POR JOSÉ MARIA DE AQUINO

Faltavam sete minutos, logo após o gol da liberdade marcado por Basílio, vencido aquele instante de incredulidade, de doce silêncio nervoso, e o Morumbi, ansioso, juntou dois gritos de amor extremamente parecidos, para formar, nos seus três anéis, o maior, o mais puro, o mais afinado e desinibido de todos os corais possíveis de ouvir.

— Cooorinthians, campeão. Cuuurintian, campeão...

Noventa mil gargantas se abriram num grito só e quase 200 mil braços se entrelaçaram num único e gigantesco abraço. O mais apertado, o mais sincero e o mais esperado de todos os abraços já dados num campo de futebol. Um abraço suado e ensaiado durante 23 anos, mas que valeu a pena.

Faltavam apenas sete minutos e eles, se não fossem bem jogados, ou melhor, se fossem jogados, seriam os mais longos sete minutos de qualquer vida. O jogo estava tranqüilo, mas não haveria coração que agüentasse tanta carga de receio, de medo.

Depois foi o êxtase. O perfeito Dulcídio guardando a bola do jogo debaixo do braço, como merecido troféu, e os jogadores, num galope só, como alegres pintinhos buscando as asas da galinha-mãe, correndo para abraçar e para agradecer o velho pai, o técnico Brandão.

E em pouco tempo eles já eram milhares. Talvez 15 mil, talvez mais, carregando bandeiras, fincando-as no centro do campo como para mostrar que tudo aquilo passava a ser de domínio corintiano, terra conquistada de suor e lágrima, com muita luta, com muita batalha. Muitos corriam sem direção e sem destino, outros apenas pulavam, alguns imitavam Romeu nas suas cambalhotas, e não faltaram aqueles que, provavelmente pagando algumas das muitas promessas feitas, caminhavam de joelhos, chegando de um extremo ao outro do campo. Duas moças acenderam velas no meio campo, um garoto parou olhando fixa e longamente para o marcador que apontava o gol do herói Basílio, alguns alcançavam o estado de total letargia, estirando-se no gramado já quase arruinado pelo carnaval e outros, já no ponto máximo da alegria e da demonstração de amor, arrancavam com os dentes e mastigavam punhados da grama que ainda sobrava. A festa dentro do estádio durou perto de uma hora e, não fosse polícia, teria durado até o amanhecer.

Sem o palco da conquista para continuar dançando e sem que a sua própria casa, o Parque São Jorge, fosse aberta para recebê-los, os torcedores voltaram ao território livre do povo, à Avenida Corinthians Paulista. É claro que a noite da libertação não foi comemorada só ali, ponto de maior concentração e onde muitos, já quase ao raiar do novo dia, ainda não tinham conseguido chegar. Em todos os cantos por onde se passasse, lá estava um corintiano, um rojão, uma bandeira, um sorriso franco. A festa varou a noite, invadiu botecos e ganhou os restaurantes, as churrascarias e as cantinas do Bixiga, reduto de velhos palmeirenses. Numa delas, estava, rouco, o presidente Matheus. Calçava, como bom corintiano e sabe-se lá o motivo, um pé de sapato branco e outro preto. Promessa, mandinga? Pouco importa. Porque para o corintiano e até para quem ficou de fora, tudo o que aconteceu e ainda pode acontecer, de certo modo, valeu a pena.

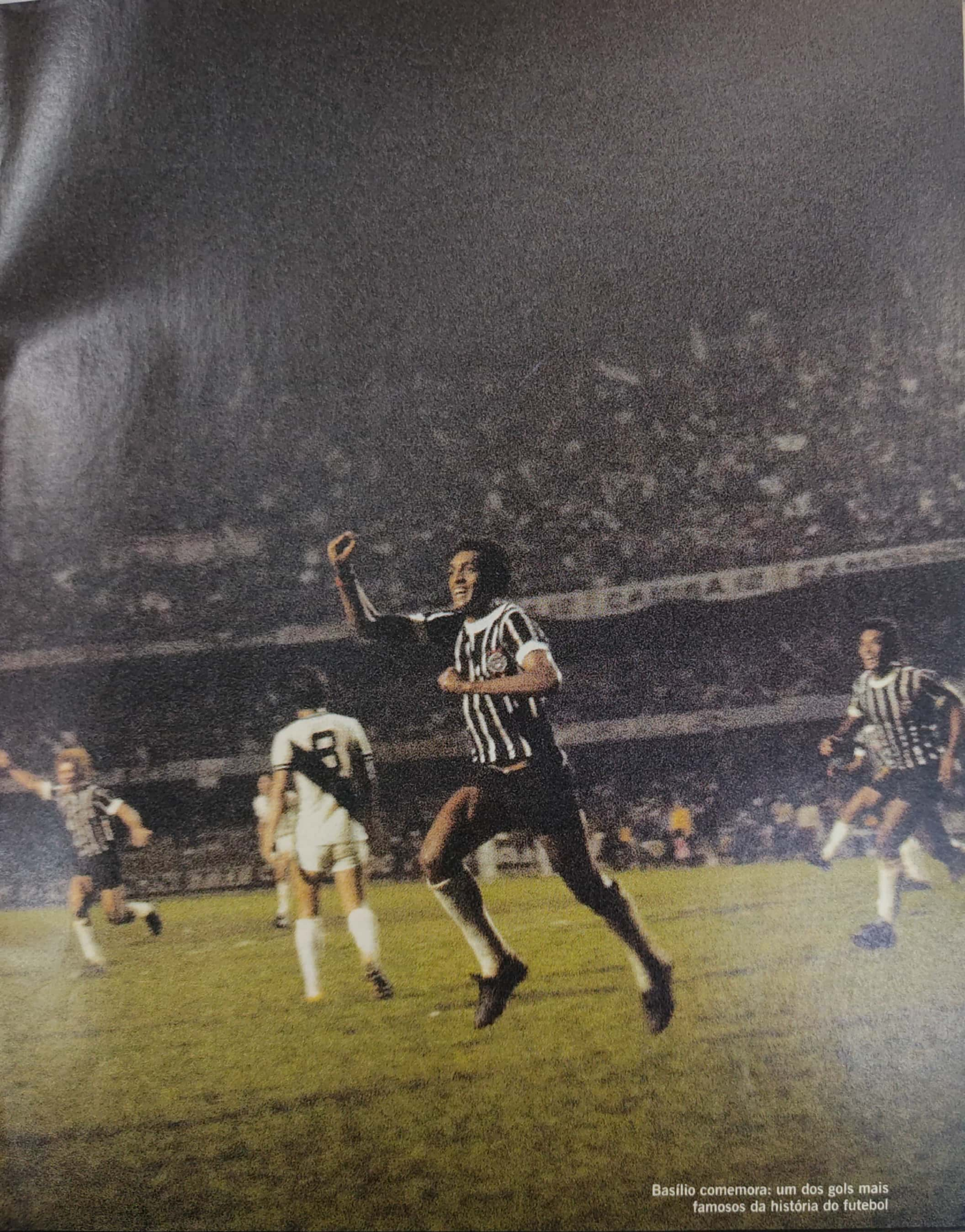
"A FESTA GANHOU OS RESTAURANTES, AS CHURRASCARIAS E AS CANTINAS DO BIXIGA. NUMA DELAS, ESTAVA, ROUCO, O PRESIDENTE MATHEUS. CALÇAVA, COMO BOM CORINTIANO E SABE-SE LÁ O MOTIVO, UM PÉ DE SAPATO BRANCO E OUTRO PRETO"

13/10/77 MORUMBI (SÃO PAULO)

J: Dulcídio Vanderlei Boschilla (SP); **R:** Cr$ 3 325 470; **P:** 86 677; **G:** Basílio 36 do 2°; **CA:** Ângelo e Basílio; **E:** Rui Rei 15 do 1°; Oscar e Geraldo 40 do 2°

PONTE PRETA: Carlos, Jair, Oscar, Polozzi e Ângelo; Vanderlei, Marco Aurélio e Dicá; Lúcio, Rui Rei e Tuta (Parraga). **T:** Zé Duarte

CORINTHIANS: Tobias, Zé Maria, Moisés, Ademir e Vladimir; Ruço, Luciano e Basílio; Vaguinho, Geraldo e Romeu. **T:** Osvaldo Brandão

JOSÉ PINTO

Basílio comemora: um dos gols mais famosos da história do futebol

MAIS DE 100 MIL PESSOAS FORAM AO MORUMBI ver a sensação do futebol paulista, Sócrates, 24 anos, comprado ao Botafogo de Ribeirão Preto, vestir pela primeira vez a camisa corintiana

UM CLÁSSICO DO TAMANHO DAS TORCIDAS

Um clássico do tamanho das torcidas

>> POR JOSÉ MARIA DE AQUINO

Até aquele instante, 35 minutos do segundo tempo, quando Rui Rei, em grande jogada, encobriu o goleiro Vítor e empatou o jogo, aquele negrão sentado ao meu lado era uma estátua que apenas se contorcia nervosamente. O máximo que se permitia, cutucando o irmão mais novo, era resmungar contra Nobre, numa evidente demosntração de desprezo por quem vai sair para dar vez a Batista. Pensei cá com meus botões: esse negrão sabe das coisas.

Para ser mais exato, ele e a grande maioria dos quase 120 mil que lotavam o Morumbi e que também viam o jogo praticamente em silêncio.

Claro, porque num jogo duro, corrido e muito disputado como aquele, só existem dois tipos de comportamento inteiramente válidos: ou se torce o tempo todo, empurrando o seu time para a frente e vaiando o adversário, ou se guarda em copas, olhos fixos nos lances, guardando a garganta para quando se tiver certeza absoluta da vitória e evitando as possíveis gozações dos adversários.

Santos acabou?

E o negrão, misturado a santistas por todos os lados, numa atitude que me parecia certa, tinha escolhido a segunda forma de comportamento. Foi por isso que, aos 40 minutos, quando Sócrates avançou sem bola, em diagonal, da direita para a esquerda, recebendo de Ademir e sendo derrubado, na entrada da área, pelo goleiro Vítor, quando tinha tudo para marcar a vitória, precisei olhar, mais uma vez, para o negrão ao meu lado.

Num pulo rápido, colocando-se de pé nos braços da cadeira, ganhando uma confiança que estava escondida, o negrão abriu a garganta:

— Ô, ô, ô, o Santos acabou...

E, virando-se para alguns torcedores santistas que já deixavam o estádio, completou, como se com apenas aquela boa jogada de Sócrates, mais uma entre tantas que o "Magro" andou fazendo nessa sua estréia, seu time tivesse passado do empate para uma gigantesca goleada:

— Vai embora não. O Pelé está se aquecendo e vai entrar daqui a pouco.

Cheguei então a uma conclusão: esse negrão é um gênio.

Isso mesmo. Com suas reações, com o silêncio de 80 minutos e com duas explosões nas horas certas, ele tinha visto tudo, ou quase tudo que Santos e Corinthians tinham mostrado naqueles 90 minutos.

Batista, Taborda?

Viu, e compreendeu — e só por isso não gritou muito — que o Santos foi um time bem mais arrumado, sabendo o que queria, ganhando o meio de campo, apesar de Aílton Lira, muito lento, explorando a má tarde de Wladimir, com Nílton Batata explorando todas as disputas, e com Juari, um serelepe, sufocando Amaral e Ademir — até aquele lançamento para Pita fazer o gol santista, aos 23 minutos do segundo tempo.

Deve ter visto, ainda, ou pelo menos sentido, já que Nobre e Palhinha sofriam com ele, que o garoto Pita justificava, inteiramente, a condição de titular no time do Santos.

Percebeu ainda que Sócrates e Palhinha precisam de um pouco mais de tempo para se entrosarem plenamente, mostrando, os dois, que quando isso acontecer, o mundo corintiano vai ficar cor-de-rosa, e já deve estar apostando que ninguém vai segurar o Corinthians quando Batista (Taborda e Carrasco também?) chegar.

"SÓCRATES E PALHINHA PRECISAM DE UM POUCO MAIS DE TEMPO PARA SE ENTROSAREM PLENAMENTE, E QUANDO ISSO ACONTECER O MUNDO CORINTIANO VAI FICAR COR-DE-ROSA"

20/8/78 MORUMBI (SÃO PAULO)

SANTOS 1 X 1 CORINTHIANS

J: Oscar Scolfaro; **R:** Cr$ 4 476 490; **P:** 111 103; **G:** Pita 23 e Rui Rei 35 do 2º; **CA:** Neto e Ademir

SANTOS: Vítor, Nélson, Joãozinho, Neto e Gilberto; Clodoaldo, Aílton Lira e Pita; Nílton Batata, Juari e João Paulo. **T:** Formiga

CORINTHIANS: Jairo, Luís Cláudio, Amaral (Mauro), Ademir e Wladimir; Nobre (Vágner), Sócrates e Palhinha; Vaguinho, Rui Rei e Romeu. **T:** José Teixeira

O Doutor e Palhinha. Aqui, contra a Ferroviária, no Paulista de 1978

OUTRA DECISÃO CONTRA A PONTE PRETA, outra festa nas ruas de São Paulo. Desta vez para homenagear novos ídolos, vindos depois de 77, como Palhinha, Biro-Biro e Sócrates

A FIEL ABRIU O CARNAVAL

A cidade ficou preta e branca. Encheu-se de alegria contagiante e viu seu povo, realizado, invadir as avenidas e cantar os feitos de seus heróis

>> POR CARLOS MARANHÃO E JOSÉ MARIA DE AQUINO

Aqui na Paulista, junto ao prédio de concreto do Museu de Arte que guarda tantas telas de Renoir e Van Gogh, o quadro pintado pela multidão que dança no asfalto é preto e branco, como os velhos filmes. Mas quanta vida dentro dele: os fiéis se unem no num enorme abraço de felicidade compartilhada, sambam de mãos dadas e, numa única voz, cantam que o Corinthians é o campeão dos campeões. Ao fundo, soam aquelas terríveis cornetas que zuniam nos ouvidos dos jogadores da Ponte Preta enquanto Biro-Biro roubava a bola de Dicá e tocava para Sócrates, que dava para Palhinha — e as bandeiras saracoteavam ao vento quente da tarde luminosa.

Wladimir olhou a cena com olhos deslumbrados, assim que finalmente se acenderam no marcador as palavras que 100 mil pessoas queriam ler desde a quarta-feira — Corinthians, campeão — e começou a falar como se alguém pudesse escutá-lo naquela barulheira: "Acabou. Agora a festa é de vocês. Tchau!" E saiu correndo feito doido antes que lhe roubassem a camisa ensopada, prometida ao pai, Benedito.

Os outros vieram atrás, também depressa, para evitar que a torcida os despisse. Precaução excessiva. A torcida ficou é lá em cima, porque cá em baixo, no campo cercado por 500 PMs, quase ninguém conseguiu entrar.

Por isso, Biro-Biro pôde caminhar em paz pelo túnel e chegar a salvo ao vestiário, para então se sentar no banco e soluçar forte até conseguir abrir um choro convulsivo. "É que esse foi o dia mais importante da minha vida, entende?", ele explicaria, meio sem jeito.

Nas avenidas — na Paulista, na Tiradentes, na São João — o povo começou a chorar, mas, sobretudo, preocupou-se em cantar. Amontoados nos ônibus que lhes cobravam 15 cruzeiros pela passagem até os locais escolhidos para o carnaval da vitória, os torcedores repetiam o refrão de uma marchinha de anos atrás: "Doutor, eu não me engano/Meu coração é corintiano..."

O campeonato, a festa, os momentos mais emocionantes da partida, as bolas que Jairo não deixou entrar, as rebatidas de Amaral, os carrinhos de Caçapava, as oportunidades perdidas, o gol de Sócrates, o gol de Palhinha, a vida dura de todos os dias — agora tudo isso se sublima aos berros de "Timão, Timão, Timão..."

No meio da alegre multidão, uma voz solitária: "Tenho medo. O time está muito calmo. Todo mundo está muito tranqüilo." Medo por quê? Se ali estava o Corinthians que a Fiel queria ver? Um Corinthians inteiro, encorpado, confiante. Um Corinthians respeitando a força do adversário, mas um Corinthians confiante, sereno, disposto.

Como ter medo se ali estava um Corinthians atrevido, inteiro? Um time que, mesmo garantido pelo empate, sufocava a Ponte em busca do gol. Um Corinthians que não se contentava com um único gol e partia em busca de outros. Um time insaciável, disposto a mostrar sua superioridade e a contar, em campo, por que estava ali, disputando e ganhando o título.

Não, daquele Corinthians de domingo, capaz de superar qualquer adversário, mesmo que ele fosse forte e bem armado, como foi a Ponte, Não se podia ter medo. Porque não se pode ter medo de um time talhado para ganhar.

"AMONTOADOS NOS ÔNIBUS QUE LHES COBRAVAM 15 CRUZEIROS PELA PASSAGEM, OS TORCEDORES REPETIAM O REFRÃO DE UMA MARCHINHA DE ANOS ATRÁS: 'DOUTOR, EU NÃO ME ENGANO/MEU CORAÇÃO É CORINTIANO...'"

10/2/80 MORUMBI (SÃO PAULO)

CORINTHIANS 2 X 0 PONTE PRETA

J: Romualdo Arppi Filho; **R:** Cr$ 8 986 120; **P:** 90 578; **G:** Sócrates 11 e Palhinha 23 do 2°; **E:** Juninho

CORINTHIANS: Jairo, Luís Cláudio, Mauro, Amaral e Wladimir; Caçapava, Biro-Biro e Palhinha; Píter (Vaguinho), Sócrates e Romeu (Basílio). **T:** Jorge Vieira

PONTE PRETA: Carlos, Toninho, Juninho, Nenê e Odirlei; Vanderlei, Marco Aurélio e Dicá (Humberto); Lúcio (Lola), Osvaldo e João Paulo. **T:** Zé Duarte

Sócrates marca: começa a festa corintiana

NO PRIMEIRO JOGO DECISIVO, o Corinthians derrotou o São Paulo por 1 x 0. A segunda partida terminou com um placar ainda mais categórico: 3 x 1

APAIXONANTE CORINTHIANS

Despertou o povão no meio da semana, vencendo por 1 x 0. E o levou ao delírio no domingo, enfiando 3 x 1 no São Paulo e conquistando um título que é o passo inicial para ser o maior do mundo

» **POR MARCO AURÉLIO BORBA**

Foi uma final à feição do Corinthians. Teve coração e nervos, algumas jogadas de grande beleza (poucas) e bolas divididas com muita raça, chutões para todos os lados (muitos). Nesses 90 minutos de tensão — que poderiam ter-se prolongado por mais 30, se o São Paulo não perdesse a cabeça e o futebol — nenhum corintiano suspirou aliviado enquanto o árbitro José de Assis Aragão não levantou os braços e apitou a conquista do título.

Nem era para tanto, uma vez que, beneficiado pelo empate e estando sempre em vantagem no marcador, o Timão já entrou campeão. Mas o corintianismo não seria a mesma religião de fanatismo e fé se não tivesse o componente do sofrimento. Por isso, garotinhos e velhos, temperados pelo menos amor, se uniram em sorrisos e lágrimas para festejar um dos mais apaixonantes títulos conseguidos pelo povo nestes tempos de abertura.

Abertos os vestiários, o Corinthians também se abriu em festa. Os 3 x 1 ainda estavam brilhando no marcador eletrônico do estádio enquanto o pernambucano Paulinho chorava e ria e o Doutor Sócrates ensaboava o corpo e lavava a alma, destacando a beleza da conquista quando tem a participação de todos: "Esta é uma vitória de irmãos que se juntaram para a obtenção de um objetivo de triunfo coletivo. É claro que o São Paulo esteve intranqüilo, porque precisava da vitória a qualquer preço, mas acho que o mais importante foi a confiança do Corinthians, que sempre soube que era o time que merecia o título."

A fraternidade referida pelo Magrão materializou-se tão logo a partida acabou, coroada com o beijo do zagueiro Daniel González no seu reserva Wágner, que correu do banco em sua direção, para a festa da vitória. E prosseguiu com o desabafo do goleiro Solito — herói do primeiro jogo decisivo, na quarta-feira, quando garantiu a vitória de 1 x 0 que significou meio caminho para o título: "Era impossível não ganharmos. Em mais de dez anos de Corinthians eu nunca senti um clima como este, de unidade e respeito."

Mas tanto o goleiro como os demais jogadores afirmaram que tiveram um incentivo extra: "O São Paulo, pelos seus jogadores, jogou sempre limpamente. Mas infelizmente isso não ocorreu com alguns de seus diretores ou funcionários. Passaram cera no chão do vestiário, para prejudicar o nosso aquecimento, e, além disso, o preparador físico Gilberto Tim, ao longo da semana, baixou muito o nível da decisão, ao proclamar que o Corinthians iria tremer, que o São Paulo era um time de machos e o Corinthians era um bando de meninos desmamados. Ele não imagina o bem que nos fez, e acho até que, se o problema dele é homem, pode vir procurar um no Corinthians."

Mais comedido, o lateral e capitão Wladimir concordava com seu companheiro: "O professor Tim foi muito infeliz em suas provocações." O capitão corintiano, um dos raros jogadores a conquistar três títulos pelo Timão, pensa que o mais importante de tudo, neste triunfo, é a possibilidade de que o exemplo corintiano frutifique: "Com este ambiente, sem modéstia, acho que o Corinthians já pode pensar até em ser campeão do mundo."

O corintianismo foi uma experiência nova para Mário Travaglini, 50 anos, ex-jogador, técnico de futebol. "Eu sempre me considerei um velho palmeirense. Mas acho que sou mesmo é um novo corintiano. Corinthians é paixão, e paixão pega."

"SOLITO: 'GILBERTO TIM, BAIXOU MUITO O NÍVEL DA DECISÃO, AO PROCLAMAR QUE O CORINTHIANS IRIA TREMER. SE O PROBLEMA DELE É HOMEM, PODE VIR PROCURAR UM AQUI'"

12/12/82 MORUMBI (SÃO PAULO)

CORINTHIANS 3 X 1 SÃO PAULO

J: José de Assis Aragão (SP); **R:** Cr$ 50 677 200; **P:** 66 581; **G:** Biro-Biro 26 e 37, Dario Pereyra 32 e Casagrande 41 do 2º; **CA:** Ataliba, Casagrande, Dario Pereyra, Almir, Éverton e Serginho; **E:** Oscar 27 do 2º

CORINTHIANS: Solito, Alfinete (Zé Maria), Mauro, Daniel González e Wladimir; Paulinho, Sócrates e Zenon (Eduardo); Ataliba, Casagrande e Biro-Biro.

T: Mário Travaglini

SÃO PAULO: Waldir Peres, Getúlio, Oscar, Darío Pereyra e Marinho Chagas; Almir, Renato e Éverton; Paulo César, Heriberto (Serginho) e Zé Sérgio. **T:** José Poy

Uma foto histórica: Biro-Biro, Casão e o Doutor com a bandeira

FOI O TÍTULO DA DEMOCRACIA CORINTIANA. O movimento liderado por Sócrates e pelo vice-presidente Adílson Monteiro Alves viveu seu momento de glória na noite da decisão contra o São Paulo

O BI DA DEMOCRACIA

Um grupo de jogadores realmente original e alguns dirigentes que acreditam no que fazem levam o Corinthians ao bi, certos de que, se a democracia não ganha jogo, é muito melhor perder com ela. O São paulo foi outra vez a vítima

>> POR JUCA KFOURI

Eram passados exatos 92 minutos de partida quando Sócrates recebeu um magnífico passe de calcanhar recebido por Zenon e fulminou o gol são-paulino, fazendo 1 x 0 e consolidando o bicampeonato para o Corinthians, que jogava apenas pelo empate. A cidade explodiu para comemorar o 19° título alvinegro, conquista que recolocou o Timão na situação de clube com mais campeonatos em São Paulo.

Na madrugada da mesma quarta-feira histórica que devolveu a glória de um bicampeonato ao Corinthians 31 anos depois, Sócrates e Juninho haviam participado animadamente de uma alegre noite regada a pizzas e chope, no Bella Pizza, um restaurante do velho bairro paulistano do Bixiga.

Levantaram-se da mesa por volta de 1h da manhã e, pouco mais de 20 horas depois, entravam no Morumbi — que, segundo Juninho, agora se chama apenas Morum, "porque bi somos nós" — carregando ao lado de todo o time uma faixa idealizada pelo vice-presidente Adílson Monteiro Alves, com a inscrição "Ganhar ou perder, mas sempre com DEMOCRACIA".

E não se limitaram a isso, é claro. Sócrates foi literalmente caçado por Humberto, que prometeu que "ia bater duro", cumpriu a promessa e não poupou o sereno — "Pode bater, estou acostumado" — de uma interminável série de cotoveladas e pontapés. Mesmo assim, embora com o corpo todo marcado, o Doutor regeu o time outra vez e ainda achou forças para marcar seu 21° gol no campeonato. Na defesa, Juninho cobria a zaga com segurança e ganhava todas as disputas pelo alto com o gigante Marcão, mostrando um vigor físico invejável.

Juninho só começou a desfrutar as delícias de um título ali pelas 5h da madrugada seguinte ao jogo, na alegre festa dos bicampeões no Hilton Hotel, não sem antes ouvir de Cláudia, sua mulher, que é "o melhor zagueiro do mundo".

A festa encerrava mais um capítulo da história que os corintianos estão escrevendo para mudar o futebol. Uma trajetória difícil, em que a liberdade está em primeiro lugar e que não poucas vezes foi chamada de bagunça, anarquia, subversão.

Na verdade, poucos acreditam na democracia corintiana, só que entre esses poucos estão estão os que realmente interessam, como o presidente Waldemar Pires, os diretores Orlando e Adílson Monteiro Alves, Wladimir, Casagrande e quase todos os jogadores.

A chegada ao estádio para a decisão foi tão distendida que os jogadores demoraram a descer do ônibus, entretidos com uma alegre batucada liderada por Sócrates. Adílson Monteiro Alves, um dos primeiros a descer quando o bumbo silenciou, repetia confiante apenas uma frase: "O título está ganho." Certeza que era compartilhada por um ilustre membro da delegação corintiana, o hoje técnico dos juvenis Basílio, autor do gol que libertou o Corinthians em 1977. "Meu gol acabou com a tensão. Está no ar que hoje é noite de bi."

Por isso, o goleiro Leão, que fez duas defesas memoráveis, podia dar seu show antes do jogo, irritado com sua camisa zebrada, que estava muito justa. No campo, o mineiro Eduardo estava em toda parte, justificando a quase unanimidade que há no elenco para apontá-lo como o jogador mais solidário da campanha.

Dulcídio apita o fim do jogo, coisa que deveria ter feito imediatamente após o gol corintiano. Casagrande chora no ombro de Sócrates, o Doutor enche a cara de cerveja para fazer o antidoping, Juninho já está tomando todas na festa, Sócrates beija a mulher Regina e a democracia corintiana marca mais um gol, sem alardes, só alegre.

"A FESTA ENCERRAVA MAIS UM CAPÍTULO DA HISTÓRIA QUE OS CORINTIANOS ESTÃO ESCREVENDO PARA MUDAR O FUTEBOL. UMA TRAJETÓRIA DIFÍCIL, QUE NÃO POUCAS VEZES FOI CHAMADA DE BAGUNÇA, ANARQUIA, SUBVERSÃO"

14/12/83 MORUMBI (SÃO PAULO)
SÃO PAULO 1 X 1 CORINTHIANS
J: Dulcídio Vanderlei Boschillia (SP); **R:** Cr$ 126 715 000; **P:** 88 085; G: Sócrates 46 e Marcão 48 do 2°; **CA:** Mauro, Casagrande e Marcão; **E:** Darío Pereyra 30 do 2°
SÃO PAULO: Waldir Peres, Paulo (Paulo César), Oscar, Darío Pereyra e Nelsinho; Zé Mário, Humberto (Gassem) e Renato; Márcio Araújo, Marcão e Zé Sérgio.
T: Mário Travaglini
CORINTHIANS: Leão, Alfinete, Mauro, Juninho e Wladimir; Paulinho, Sócrates e Zenon; Biro-Biro, Casagrande (Vágner) e Eduardo. **T:** Jorge Vieira

Faixa política antes, festa depois: sabiam separar as coisas

PARA CONTINUAR VIVO NO CAMPEONATO BRASILEIRO, o Corinthians precisava de uma vitória por dois ou mais gols de diferença, contra um time três vezes campeão brasileiro. Ninguém acreditava

O LINDO BAILE DO ALVINEGRO

O time corintiano avisou a semana inteira que o dragão rubro-negro seria domado em São Paulo. São Jorge fez a festa: 4 x 1

» **POR MÁRIO SÉRGIO DELLA RINA**

Grossos rolos de fumaça negra subiram ao céu quando o Corinthians entrou em campo para tentar o que se considerava impossível: derrotar — e por dois gols de diferença — o melhor time do Brasil. A inédita saudação da torcida simbolizava , ainda que inconscientemente, o clima em que muita gente quis transformar o Parque São Jorge durante toda a semana.

Como sempre tem acontecido em momentos difíceis dentro de campo, agora também já se havia escolhido o culpado: a democracia corintiana. Pois não fora devido à exagerada liberdade que Sócrates acabara se machucando num amistoso de futebol de salão em Ribeirão Preto às vésperas dos jogos contra o Flamengo? Bagunça, baderna, irresponsabilidade. Chamaram de tudo os profetas do apocalipse. Pediram a cabeça de Sócrates. Acusaram-no de corpo mole. E, no domingo, surgindo do meio da fumaça negra, lá estava ele em campo. Exatos 13 dias depois de ter sofrido uma lesão muscular que, em geral, demora 20 dias para deixar um atleta normal em condições de jogo. Mas Sócrates não é um atleta normal. O Corinthians não é um time normal. Aí é que está o engano de quem não entende o Timão.

Quando Biro-Biro, que mais uma vez parecia dois jogadores, aos 32 minutos do primeiro tempo, recebeu um lançamento de Zenon e, na entrada da pequena área, aproveitou-se da furada de Figueiredo e tocou por baixo das pernas do extraordinário Fillol, a fumaça preta já tinha se dissipado. E pela primeira vez na tarde o sol furou nuvens cinzentas e brilhou forte. Ainda sob a aura de luminosidade, aos 38 minutos, Wladimir completou para as redes um cruzamento de Eduardo: 2 x 0. O Morumbi não acreditava. Mais de 120 mil corintianos pareciam sonhar. Quase 10 mil flamenguistas se beliscavam querendo acordar do pesadelo.

Veio o segundo tempo — e a dúvida; o Corinthians vai recuar para segurar a vitória? A resposta chegou cedo, aos 7 minutos: Zenon cruza da esquerda, bola entre Júnior e Édson, que bate de sem-pulo: 3 x 0. Irresistível, o time não parava. Aos 14 minutos, Sócrates, que tanta falta fizera no Maracanã uma semana antes, é lançado na direita, nas costas de Júnior, e cruza, na medida, para Ataliba enfiar 4 x 0 no gol de Fillol. A Fiel delira. Juninho, um gigante em campo, dá uma de maestro, agitando os braços para que a arquibancada entoasse mais alto o coro que arrepia: "Corinthians!, Corinthians!" Casagrande chora pela quarta vez ao abraçar Ataliba. "Diziam que era um milagre a gente vencer", desabafaria depois o centroavante. "Pois vão ter que continuar engolindo a gente."

Acima de tudo, houve um erro de avaliação pelos rubro-negros. Nenhum deles esperava um Corinthians em estado de graça, bem diferente daquele derrotado no Maracanã.

O criticado Sócrates nunca tivera a mínima dúvida de que a segunda partida seria completamente diferente. E o genial Doutor sabia que a sua presença era fundamental. Mesmo sem estar em seu melhor estado atlético. Mesmo sabendo que não suportaria um lance mais arriscado, uma bola mais duramente dividida. Saiu delirantemente aplaudido aos 31 minutos do segundo tempo quando foi substituído por Wágner. "Ninguém imagina a dor muscular que estou sentindo", confidenciaria. A alma estava alegre, porém.

"BAGUNÇA, BADERNA, IRRESPONSABILIDADE. CHAMARAM DE TUDO OS PROFETAS DO APOCALIPSE. PEDIRAM A CABEÇA DE SÓCRATES. ACUSARAM-NO DE CORPO MOLE. E, NO DOMINGO, LÁ ESTAVA ELE EM CAMPO"

6/5/84 MORUMBI (SÃO PAULO)

CORINTHIANS 4 X 1 FLAMENGO

J: Arnaldo César Coelho (RJ); **R:** Cr$ 222 466 700; **P:** 115 002; **G:** Biro-Biro 32 e Wladimir 38 do 1º; Édson 7, Ataliba 14 e Paulinho (contra) 21 do 2º

CORINTHIANS: Carlos, Édson, Mauro, Juninho e Wladimir; Paulinho, Sócrates (Vágner) e Zenon; Biro-Biro, Casagrande e Eduardo (Ataliba). **T:** Jorge Vieira

FLAMENGO: Fillol, Leandro, Figueiredo, Mozer e Júnior; Bigu, Élder (João Paulo) e Lico (Nunes); Adílio, Edmar e Bebeto. **T:** Cláudio Garcia

PEDRO MARTINELLI

Biro-Biro abre o placar: uma ducha de água fria no Flamengo

PENÚLTIMO COLOCADO no primeiro turno do Paulista, o Corinthians reagiu para chegar às semifinais e massacrar o Santos

AS MARAVILHAS DO CORINTHIANS

Em dia de glória, o artilheiro Edmar faz quatro gols no massacre contra o Santos e enlouquece a Fiel torcida

>> POR UBIRATAN BRASIL, ARI BORGES E RICARDO VOLTOLINI

Poucas vezes assistiu-se a algo semelhante ao acontecido domingo passado no Morumbi. Posicionado na linha lateral do gramado, na região central do campo, o centroavante Edmar desviava sua atenção da bola incitando e extasiando a torcida corintiana. Momentos antes, ele ainda rolara sorridente no chão, próximo ao gol do Santos. O que poderia indicar lampejos de loucura revelava, na verdade, a consagração do virtual artilheiro do campeonato, agora com 19 gols. Enquanto Edmar vibrava com suas quatro faturas daquela tarde, a Fiel delirava diante dos 5 x 1 impostos ao velho inimigo, em plena semifinal. "Para quem afirma que sou apenas sortudo, respondo com trabalho", desabafava.

De fato, Edmar roubava a festa do massacre corintiano. Com direito a gran finale e tudo: no quinto gol do time, tocou a bola entre as pernas do zagueiro Nildo, chutou e teve forças para aproveitar o rebote do goleiro. "Foi um prêmio à persistência", definia. "Além disso, gosto de marcar contra Rodolfo Rodríguez, que é um dos melhores do mundo na posição." À noite, em sua casa em Campinas, ele se deliciava com a reprise do lance pelas redes Globo e Manchete.

"Revendo a jogada, percebi como ela foi bem elaborada", dizia.

Se Edmar era o destaque entre os que brilharam em campo, o técnico Formiga saboreava com discrição um triunfo pessoal. Afinal, sua equipe acabara de triturar justamente o Santos, de onde saíra, no início do certame, com a pecha de incompetente. O treinador, porém, optava pela prudência. "O resultado deu moral mas não garantiu a classificação", ponderava orgulhoso do excelente aproveitamento do time — das oito bolas chutadas a gol, cinco entraram.

Essa eficiência ofensiva facilitou as coisas para o meio-campo, reconhecia Biro-Biro, que mais uma vez encantou a galera alvinegra com fôlego e técnica invejáveis. "Com a vantagem, tocamos a bola mais tranqüilos", observava. E a união não se limitou aos que atuaram. O Timão foi coeso até no banco de reservas. Ali, torcendo para os companheiros, estava o goleiro Carlos – titular da Seleção Brasileira principal nas últimas convocações.

Vestindo a camisa 12, Carlos dava uma lição de profissionalismo. "Não é demérito algum ficar na suplência", analisava. "No banco, ainda provo a existência de união no grupo", declarava no vestiário, que abrigava uma confusão de fios, microfones e vozes.

Na feliz balbúrdia, o presidente Mateus conversava, com um fone de ouvido, com o ex-técnico Osvaldo Brandão. No saguão do estádio, o velho treinador deliciava-se ao embalo dos 5 x 1. "O Corinthians tem o melhor elenco do país", exagerava. "Sim, estamos repetindo nossa vitoriosa campanha de 1977", devolvia o dirigente num tom de voz invejável, mas que não ecoava no vestiário vizinho.

Para diminuir a humilhação santista, só o apego ao regulamento. Apesar da goleada, o Santos vai à final se vencer o Corinthians, por qualquer diferença, na partida de sábado e, depois, segurar um empate na prorrogação. Mendonça não considerava a batalha perdida. "Se perdêssemos de dez seria igual." O meia receitava um remédio para ser aplicado durante a semana: o esquecimento. "Até o Corinthians deverá fazer isso", dizia. "Se não fizer, melhor para a gente."

"O JOGO FOI UMA LOUCURA, AO QUAL NÃO FALTARAM LANCES DE HEROÍSMO. NUM JOGO ASSIM, O DONO DA CASA GERALMENTE LEVA VANTAGEM"

16/8/87 MORUMBI (SÃO PAULO)
CORINTHIANS 5 X 1 SANTOS
J: Roberto Nunes Morgado; **R:** Cz$ 6 497 530; **P:** 52 777; **G:** Edmar 19 e 44 e Jorginho 31 do 1°; Mendonça (pênalti) 4, Edmar 27 e 42 do 2°; **CA:** Waldir Peres, Édson e Rodolfo Rodríguez
CORINTHIANS: Waldir Peres, Édson, Mauro, Jatobá e Dida; Biro-Biro, Eduardo (Wilson Mano) e Éverton (Marcos Roberto); Jorginho, Edmar e João Paulo. **T:** Formiga
SANTOS: Rodolfo Rodríguez, Raul, Nildo, Toninho Carlos e Claudinho; César Sampaio, De León e Mendonça; Osvaldo, Carlos Alberto Costa e Arizinho. **T:** Candinho

EDU GARCIA

Nessa, Nildo levou vantagem sobre Edmar: não foi assim no resto do jogo

O GUARANI JOGAVA EM CASA e o técnico Carbone até tocou viola na TV, antes do jogo, ironizando o nome do jovem atacante do Corinthians. Foi castigado

O CAMPEÃO DE VIOLA DE TUDO

Quis o destino que um garoto desconhecido se tornasse imortal em seu primeiro jogo com a camisa de titular. Com um gol dele, a taça de campeão paulista segue pela 20ª vez o caminho do Parque São Jorge

O goleiro Ronaldo correu até o círculo central com uma enorme bandeira da torcida Gaviões da Fiel e começou a agitá-la com alegria. Wílson Mano era outro possuído na comemoração: equilibrado sobre o peitoril do fosso, ele comandava o grito dos torcedores com uma alucinante corneta. Já o lateral Édson iniciou um strip-tease na beirada do campo, jogando camisa, meiões e chuteiras para a massa. Mais tarde, no vestiário, um torcedor seria presenteado com o calção. Biro-Biro foi o único que conseguiu ficar com sua camisa. Ela estava prometida a seu pai, Antônio, que viu a partida pela TV no Recife. Com o troféu de 4,5 kg nas mãos, Biro liderou a volta olímpica. A seu lado, João Paulo chorava feito criança, correndo para todos os cantos.

O Corinthians acabava de conquistar seu vigésimo título de campeão paulista diante de 49 604 pagantes, no estádio Brinco de Ouro da Princesa, em Campinas. Os donos da casa precisavam de apenas de um empate nos 120 minutos. Conseguiram segurar o Corinthians no tempo normal. A prorrogação foi um sufoco só. Depois do gol de Viola, aos 4 minutos do primeiro tempo, os corintianos não tiravam os olhos do relógio. Os minutos pareciam não passar. E o pior é que não passavam mesmo. Na segunda etapa da prorrogação, o responsável pelo marcador eletrônico resolveu tomar uma medida totalmente inédita: como se fosse um jogo de basquete, ele parava o relógio a cada paralisação mais demorada. Ao todo, foram seis — 2:49, 4:02 (expulsão de Paulinho Carioca e Paulo Isidoro), 7:39, 10:16, 11:07 e 11:50.

Por isso, quando o árbitro Arnaldo César Coelho encerrou a partida, o cronômetro indicava 12:11.

"Sempre disseram que o Guarani era mais técnica e o Corinthians, mais força", afirmava o ótimo zagueiro Marcelo, um dos heróis corintianos. "Hoje mesclamos as duas características." Durante a comemoração, seu pé esquerdo, torcido na partida anterior e imobilizado por uma bota de atadura, começou a doer.

Dor também sentiu o meia Éverton, o talismã do time de Parque São Jorge. Ele curtia o título no vestiário, deitado e tomando soro. Um hematoma na coxa direita inchou no intervalo, dificultando seus movimentos. Éverton teve de ser substituído por Wílson Mano, que passou o dia emburrado ao saber que tinha perdido a posição para Viola. "Queria ter feito um gol", reclamava Éverton. Escutou o de Viola, meio sonado, ao lado de Márcio, substituído por Paulinho Gaúcho no intervalo entre o jogo e a prorrogação.

No caminho de volta para São Paulo, motocicletas, peruas, táxis e 110 ônibus alugados pelas torcidas organizadas do Corinthians (que saíram às 8h da manhã) corriam com suas bandeiras para o lado de fora. Durante o trajeto de 99 km até a capital, eram saudados por grupos de pessoas na beira da estrada.

O velho Corinthians campeão dos centenários estava de volta. Foi campeão de 1922 (Centenário da Independência) e 1954 (Quarto Centenário de São Paulo). Agora, campeão no Centenário da Abolição. Assim, os corintianos já encontraram um motivo a mais para festejar: 1989 é o ano do Centenário da República. Estão todos pensando no bi.

"OS MINUTOS PARECIAM NÃO PASSAR. E O PIOR É QUE NÃO PASSAVAM MESMO. NA SEGUNDA ETAPA DA PRORROGAÇÃO, O RESPONSÁVEL PELO PLACAR PARAVA O RELÓGIO A CADA PARALISAÇÃO MAIS DEMORADA"

31/7/88 BRINCO DE OURO (CAMPINAS)
GUARANI 0 X 1 CORINTHIANS
J: Arnaldo César Coelho; **R:** Cz$ 17 543 200; **P:** 49 604; **G:** Viola, 4 do 1° da prorrogação; **CA:** Viola, Vágner e Denílson; **E:** Paulo Isidoro e Paulinho Carioca 6 do 2° da prorrogação
GUARANI: Sérgio Néri, Marquinhos, Vágner, Ricardo e Albéris; Paulo Isidoro, Barbiéri (Mário) e Marco Antônio Boiadeiro; Neto (Careca), Evair e João Paulo.
T: Carbone
CORINTHIANS: Ronaldo, Édson, Marcelo, Denílson e Dida; Biro-Biro, Márcio (Paulinho Gaúcho) e João Paulo; Viola, Éverton (Wílson Mano) e Paulinho Carioca.
T: Jair Pereira

ORLANDO KISSNER

Duas cenas do gol do título: Viola se tornava ídolo

O CORINTHIANS COMEÇAVA bem uma das décadas mais gloriosas de sua história, derrotando na decisão do Brasileiro o São Paulo, que ainda teria que esperar mais um ano pela consagração de Telê Santana

DEUS TUPÃ! DEU CORINTHIANS!

A divina festa alvinegra e a conquista do inédito Brasileiro

>> POR JUCA KFOURI

Havia um clima de magia no ar. Desde a noite da quinta-feira, 13, havia um clima de magia no ar. Magia negra. E branca. Branca e preta. Nem bem começou o primeiro jogo da decisão, Wilson Mano, o predestinado, fez, de joelho, que vale igual a um lindo gol de bicicleta, o tento que invertia a vantagem inimiga e dava ao Corinthians o direito de jogar pelo empate.

A noite era quente e a torcida corintiana fervia. Tomou conta de mais de 70% da casa do adversário e acuou o time tricolor. A noite era mágica. Tanto que não permitiu à única estrela do Timão, o meia Neto, marcar o segundo gol, embora ele tivesse três enormes chances para fazê-lo. Não, a noite tinha que ser de Mano, o curinga que, em 1988, errou um chute de fora da área e, assim, permitiu que Viola fizesse o gol do 20º título paulista do Corinthians, em Campinas, contra o Guarani. Pois Mano abria o caminho para o primeiro título brasileiro do clube.

Havia um clima de magia no ar. Terminado o jogo, a quente noite da quinta-feira se transformou. Relâmpagos cortaram o céu do Morumbi e, de trovão em trovão, a chuva torrencial desabou. Tupã, o deus da chuva, dava o ar de sua graça. A sexta-feira foi feia, cinzenta e quase fria na capital paulista. Assim mesmo os corintianos faziam filas intermináveis para ocupar a casa alheia no dia da decisão. O sábado não foi diferente.

Mas no domingo... No domingo havia um clima de magia no ar. O amanhecer foi ensolarado. São Paulo não era São Paulo. Era Corinthians. Com televisionamento direto e tudo, 85 mil corintianos tomaram o Morumbi, espremendo 15 mil tricolores em três gomos do estádio. No primeiro tempo o São Paulo dominou o jogo, mas não teve nenhuma chance de gol. O 0 x 0 era tudo que o Corinthians precisava. Mas era pouco. Aos 9 minutos do segundo tempo, a magia se materializou numa tabelinha histórica entre Tupãzinho e Fabinho, com direito a bola por baixo das pernas do zagueiro Ivan. O gol foi chorado como devem ser os gols inesquecíveis da nação corintiana. Tupãzinho encerrou 19 anos de abstinência nacional. Como na noite da quinta-feira, Tupã comandou um enlouquecedor espocar de rojões. Pela primeira vez, os representantes do Brasil na Libertadores serão os dois clubes mais populares do país, pois o Flamengo, campeão da Copa do Brasil, será o parceiro do Timão.

Com 32 pontos ganhos, ninguém somou mais que o time cujos segredos estão fora de campo: o moderno técnico Nelsinho e a antiga fiel torcida. Com o treinador, a equipe aprendeu a não dar um centímetro ao adversário e ganhou autoconfiança. Da massa, os jogadores souberam tirar a energia de que nem mesmo supercraques como Rivelino e Sócrates foram capazes para ganhar um Brasileiro. Aliás, nada mais parecido com a torcida do que esse time do Corinthians. A tal ponto que o novo deus Tupã era o anão do jogo, o mais baixinho, com seu miúdo 1,69 metro.

Agora é sonhar com Tóquio. É ganhar o mundo. Impossível prever o que poderá acontecer neste dia. Previsões, por sinal, só mais uma e a curto prazo: Marlene Matheus será a primeira presidenta de um grande clube de futebol. Só tinha que ser no Corinthians, o campeão brasileiro de 1990.

"NO DOMINGO HAVIA MAGIA NO AR. O AMANHECER FOI ENSOLARADO. SÃO PAULO NÃO ERA SÃO PAULO. ERA CORINTHIANS. 85 MIL CORINTIANOS TOMARAM O MORUMBI"

16/12/90 MORUMBI (SÃO PAULO)

CORINTHIANS 1 X 0 SÃO PAULO

J: Edmundo Lima Filho (SP); **R:** Cr$ 106 347 700; **P:** 100 858; **G:** Tupãzinho 9 do 2º; **CA:** Flávio, Márcio e Jacenir; **E:** Bernardo e Wilson Mano 15 do 2º

CORINTHIANS: Ronaldo, Giba, Marcelo, Guinei e Jacenir; Márcio, Wilson Mano, Tupãzinho e Neto (Ezequiel); Fabinho e Mauro (Paulo Sérgio). **T:** Nelsinho Baptista

SÃO PAULO: Zetti, Cafu, Antônio Carlos, Ivan e Leonardo; Flávio, Bernardo e Raí (Marcelo); Mário Tilico (Zé Teodoro), Eliel e Elivélton. **T:** Telê Santana

JOÃO SANTOS

O gol do título em dois tempos: Fabinho chuta, a defesa salva e Tupã, em um sofrido carrinho, marca

A SEGUNDA CONQUISTA NACIONAL do Corinthians foi dramática: contra o Grêmio de Luiz Felipe Scolari, um gol de falta de Marcelinho decidiu

A VITÓRIA DOS GLADIADORES

Talento e alma foram as armas do Corinthians na Copa do Brasil

Foi emoção e alegria para nenhum corintiano botar defeito. Vitórias conquistadas com o mais genuíno espírito guerreiro, como os 2 x 1 contra o Grêmio no Pacaembu, e com talento puro, como na goleada histórica de 5 x 0 contra o Vasco. E teve muito sofrimento. Não foi fácil resistir à pressão gremista no jogo final de Porto Alegre. O martírio só acabou com o gol salvador de Marcelinho Carioca, aos 26 minutos do segundo tempo.

A conquista da Copa do Brasil 1995 também teve um gosto especial. Nunca os grandes clubes levaram tão a sério essa competição que é o caminho mais curto para Tóquio. Erguer a taça e ficar com uma das vagas brasileiras para a Libertadores da América 1996 virou prioridade nacional para todas as equipes, que desprezaram os campeonatos estaduais de olho no título.

A conquista dramática começou no jogo de volta em São Paulo contra o Paraná. Com um jogador a menos durante boa parte do jogo, o Corinthians sentiu a pressão, provou o gosto amargo da desclassificação no segundo tempo, quando o marcador estava 1 x 1, e terminou com um gol salvador de Viola. Na semifinal contra o Vasco, tempo para recobrar as energias. Faltava o Grêmio, o exterminador de paulistas, que já havia despachado o Palmeiras e o São Paulo da competição. E o passo decisivo para a inédita conquista foi dado no Pacaembu, numa batalha de gladiadores. Viola abriu o marcador, mas até as velhas catracas do estádio sabiam que nada estava decidido.

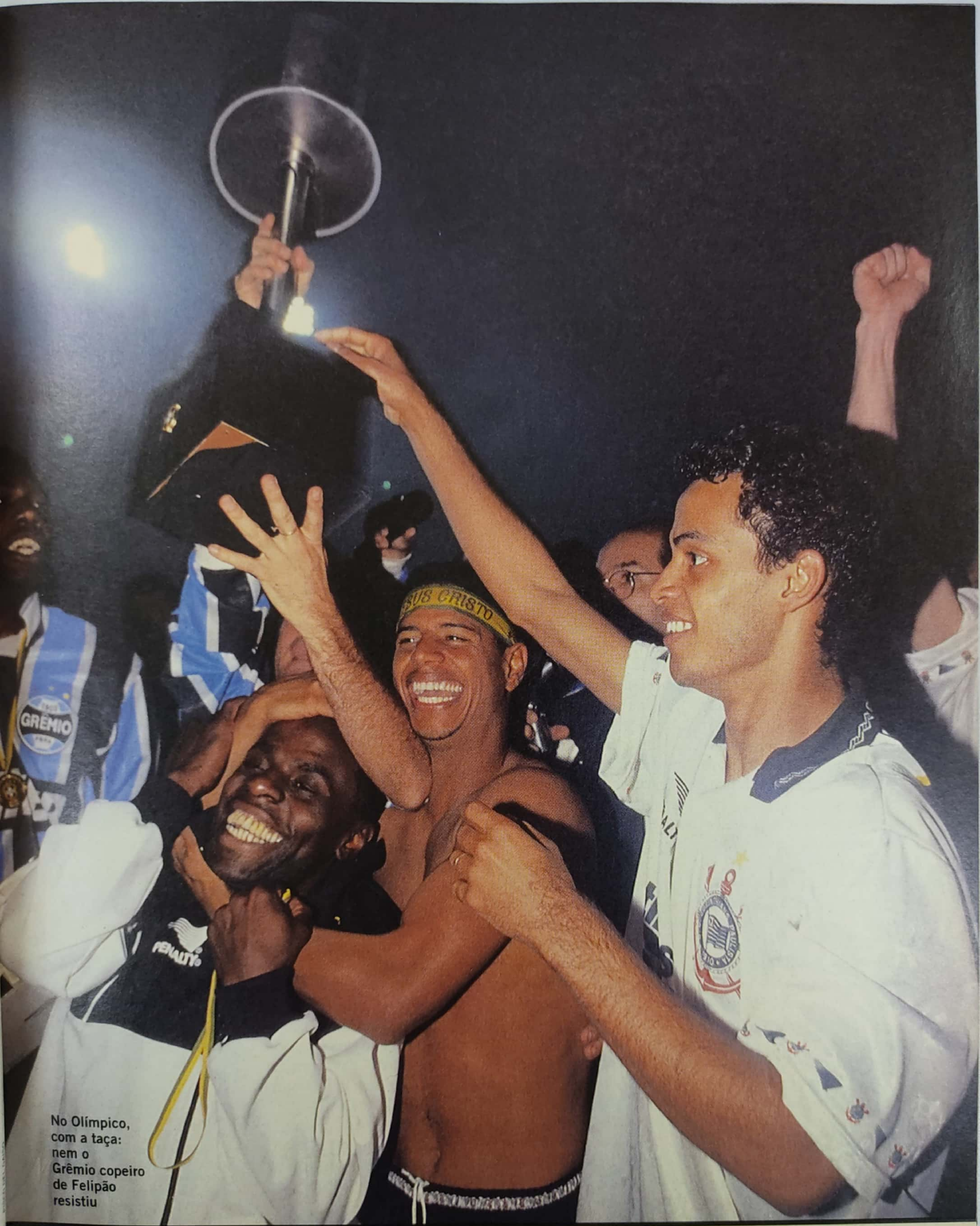
O Grêmio empatou e mostrou no segundo tempo com quantas entradas fortes se faz o futebol gaúcho. Era a hora de a alma alvinegra entrar em campo. Aos 26 minutos da etapa final, Marcelinho Carioca decidiu a partida numa cobrança perfeita de falta. O técnico Eduardo Amorim ainda tentou dar o tiro de misericórdia. Resolveu tirar os dois laterais, lançar Tupãzinho e Elivélton para tentar uma goleada. As lesões de Fabinho e Ronaldo abertaram o plano e o jogo ficou no apertado 2 x 1. Os deuses da bola, afinal, precisavam reservar emoções fortes para a vitória histórica em Porto Alegre.

Jogador predileto da Fiel Torcida, o centroavante Viola passou quase todo o primeiro semestre de 1995 envolvido em um drama shakespeariano: ser ou não ser atleta do Valencia, da Espanha. A novela envolvendo a sua transferência consumiu várias semanas, tirou o artilheiro do caminho do gol e ainda não teve um desfecho definitivo. Para o Corinthians, no entanto, a má fase e a estiagem de gols não poderiam terminar em momento melhor. No segundo jogo das quartas-de-final da Copa do Brasil, tudo conspirava contra o Timão. Precisando vencer, a equipe fazia uma partida medíocre contra o Paraná, o volante Bernardo já havia sido expulso e uma garoa castigava o gramado do Pacaembu.

Havia um cheiro de tragédia no ar quando um escorregão do goleiro Régis e uma bola limpa curaram Viola de sua febre espanhola. Dali para a frente, o craque não parou mais. No segundo tempo do mesmo jogo, o Paraná empatou a partida e deu a impressão de que se classificaria para as semifinais. Mas lá estava ele na área para eliminar os paranaenses em um voleio desajeitado.

Contra o Vasco, Viola marcou três dos cinco gols no jogo de volta do Pacaembu, pulverizando o time carioca. Só faltava a final contra o Grêmio e o artilheiro não decepcionou. Fez uma partida irrepreensível.

"NÃO FOI FÁCIL RESISTIR À PRESSÃO GREMISTA. O MARTÍRIO SÓ ACABOU COM O GOL SALVADOR DE MARCELINHO CARIOCA, AOS 26 DO SEGUNDO"

21/6/95 OLÍMPICO (PORTO ALEGRE)
GRÊMIO 0 X 1 CORINTHIANS
J: Márcio Rezende de Freitas (MG); **R:** R$ 740 415; **P:** 47 352; **G:** Marcelinho Carioca 26 do 2º; **CA:** Jardel, Gélson, Rivarola, Adílson, André Santos e Bernardo; **E:** Paulo Nunes e Silvinho
GRÊMIO: Danrlei, Arce, Adílson, Rivarola e Carlos Miguel; Dinho (Alexandre), Gélson, Luís Carlos Goiano e Arílson; Paulo Nunes e Jardel. **T:** Luiz Felipe Scolari
CORINTHIANS: Ronaldo, André Santos, Célio Silva, Henrique e Silvinho; Zé Elias, Bernardo e Souza; Marcelinho Carioca, Viola e Marques (Tupãzinho). **T:** Eduardo Amorim

No Olímpico, com a taça: nem o Grêmio copeiro de Felipão resistiu

VALIA A HEGEMONIA NO ESTADO: cada um dos dois times tinha 20 títulos. Valia também vingança das finais do Paulista de 1993 e do Brasileiro de 1994

O ANO DO GAVIÃO

O Corinthians conquistou seu 21º título paulista, passando novamente à frente do Palmeiras, no interior, como em 1988. Este ano, o Timão ganhou tudo que apareceu pela frente

O Timão ganhou tudo o que apareceu pela frente, despachou papa-tudos como o Grêmio e ninguém menos que o bicampeão brasileiro e paulista Palmeiras Até o mais crédulo torcedor acharia graça do querubim que cochichasse, no início do ano, que o Corinthians venceria a Taça São Paulo de Juniores, o Carnaval (com a escola de samba Gaviões da Fiel), a Copa do Brasil e, ainda por cima, o Campeonato Paulista — e em cima de seu maior rival, o Palmeiras, de virada.

E não é que 1995 está sendo realmente o ano do Gavião? O Timão ganhou tudo o que apareceu pela frente, despachou papa-tudos como o Grêmio e ninguém menos que o bicampeão brasileiro e paulista Palmeiras. Alegria demais em tão pouco tempo.

A final do Paulistão misturou doses desse extrato de felicidade a muito sofrimento. Em menos de cinco minutos, no segundo tempo da prorrogação, Silvinho, o lateral-revelação, salvou um gol certo embaixo do travessão e o curinga Elivélton acertou o tirambaço da confirmação do título.

O restante do Campeonato Paulista não foi muito diferente da final. Vitórias sensacionais como o 2 x 1 contra o próprio Palmeiras na primeira fase ou o 4 x 2 contra o Santos, em Limeira, ou dramáticas, caso do duplo 1 x 0 nas semifinais contra a Portuguesa. Algumas tempestades também atingiram em cheio o Parque São Jorge. Foi o caso de quatro empates consecutivos que vitimaram o técnico Mário Sérgio e do 0 x 3 para o Novorizontino. Nada que não pudesse ser esquecido após a consagradora vitória contra o Palmeiras.

Uma coincidência: O Corinthians conquistou seu 21º título paulista — passou novamente à frente do Palmeiras, que tem 20 — em Ribeirão Preto. Em 1988, a taça veio também do interior, contra o Guarani, em Campinas. Naquele jogo, o herói acabou sendo Viola, que fez domingo a sua despedida do Parque São Jorge. Vai jogar no Valencia, da Espanha.

O Corinthians venceu também uma tola e ultrapassada superstição. PLACAR pediu para fazer uma foto com as duas equipes antes da final. O Palmeiras não aceitou, dizendo que "dava azar". Está provado: não dá sorte nem azar. Vence o melhor. O melhor foi o Corinthians. E os corintianos avisam que o ano do Gavião não terminou. Têm agora o Campeonato Brasileiro pela frente.

"PLACAR PEDIU PARA FAZER UMA FOTO COM AS DUAS EQUIPES ANTES DA FINAL. O PALMEIRAS NÃO ACEITOU, DIZENDO QUE DAVA AZAR"

6/8/95 SANTA CRUZ (RIBEIRÃO PRETO)
CORINTHIANS 2 X 1 PALMEIRAS
J: Rémi Harrel (França); **R:** R$ 839 108; **P:** 47 834; **G:** Nílson 11 e Marcelinho Carioca 16 do 2º; Elivélton 14 do 2º (prorrogação); **CA:** Viola, Marcelinho Carioca, Alex Alves, Henrique, Amaral, Vítor, Válber, Elivélton e Tupãzinho
CORINTHIANS: Ronaldo, André Santos (Vítor), Célio Silva, Henrique e Silvinho; Zé Elias, Bernardo e Souza (Tupãzinho); Marcelinho Carioca, Viola e Marques (Elivélton). **T:** Eduardo Amorim
PALMEIRAS: Velloso, Índio, Antônio Carlos, Cléber e Roberto Carlos (Flávio Conceição); Amaral, Mancuso, Edílson (Válber) e Rivaldo; Alex Alves (Nílson) e Müller. **T:** Carlos Alberto Silva

Marcelinho empata
na cobrança de
falta: rumo ao título

FOI UMA VITÓRIA de ponta a ponta. O Corinthians quebrou a tradição (quem começa bem não costuma levantar o caneco) de ser time de largada e de chegada. Foi duro vencer na final o Cruzeiro em três jogos, mais difícil, porém, foi derrotar as próprias vaidades

TIMÃO BRIGADOR

Habituado a vencer com equipes aguerridas, o Corinthians monta um timaço com vários craques, supera suas picuinhas internas e fica com o bicampeonato

>> POR CHRISTIAN CARVALHO CRUZ

Psicologia, além das altas doses de bom futebol. Nunca o Corinthians foi tão pouco Corinthians. Classificar-se em primeiro lugar, liderar quase o campeonato inteiro, decidir em casa com a vantagem do empate. Tudo bem, houve emoções fortes, sim, principalmente quando o time levou sustos de Grêmio e Santos nos *play offs*. Mas a torcida dificilmente achará na história do clube um zagueiro tão técnico quanto Gamarra. Desde os tempos de Sócrates e Zenon não se via um meio de campo tão habilidoso. E não é sempre que se pode formar uma dupla de goleadores tão mortal quanto Marcelinho e Edílson... Um esquadrão. Talvez por isso, o desafio tenha sido administrar a fogueira das vaidades.

O celular voador

No começo do ano, na pré-temporada em Atibaia (interior de São Paulo), o técnico queria deixar claro que não toleraria certas coisas, entre elas o uso de telefone celular depois das preleções. O goleiro Ronaldo não desligou o seu aparelho e deu azar. Ele tocou dentro do ônibus, bem na hora em que o "professor" vinha subindo. Luxemburgo parou ao seu lado e, irritado, reclamou com o aparelho na mão: "Pô, Ronaldo! Eu acabei de pedir!" O celular voou por cima das poltronas e se espatifou lá no fundo.

Empurrão no chefe

Houve um churrasco no hotel em que o time estava concentrado. Lá pelas tantas, os zagueiros Célio Silva e Alexandre Lopes desapareceram da festa. Avisados pelo chefe da segurança Chicão, Luxemburgo e o supervisor Luiz Henrique de Menezes foram cobrar satisfações dos dois beques. Sobrou um empurrão de Alexandre Lopes para cima do "comandante" Luxemburgo e um apelo hilário de Menezes a Célio Silva: "Calma, meu garotinho, calma", suplicava ao zagueirão de 1,80 m e 80 kg. Dias depois, os dois beques estavam fora do clube.

O dedão do Chicão

O segurança Chicão talvez seja o mais fiel escudeiro de Luxemburgo no Corinthians. Em outubro, outra "dedurada" de Chicão fez Luxemburgo aplicar um gancho de dezoito dias em Marcelinho. Era véspera do clássico contra o São Paulo e a delegação corintiana se encontrava em um hotel paulistano. Perto das 10 da noite, o camisa 7 do Timão desce até o saguão. Na hora de subir para o quarto, Marcelinho teve a companhia de Chicão no elevador. Os dois discutiram feio, com o jogador vociferando que não era criança para ser vigiado. No almoço do dia seguinte, o técnico elevou a voz: "Você tem que entender que eu sou o comandante, e você, o meu comandado". Marcelinho também gritou, esmurrou a mesa, levantou-se com o prato e foi terminar de comer no quarto. Ainda ouviu o chefe berrar: "E você está fora do jogo!" Marcelinho passou a treinar sozinho e dividiu o grupo. Só se reintegrou com o apelo de Vampeta, Edílson, Rincón e Gamarra.

Além das picuinhas

Empurrões, bate-bocas, estrelismos, vaidades. Nada disso vai virar história quando se está falando de um bicampeonato. O que será lembrado daqui a alguns anos é que onze heróis vestiram a camisa preta e branca e entraram em campo para subjugar um outro timaço. E que o Corinthians foi, enfim, o melhor time do melhor Campeonato Brasileiro dos últimos tempos.

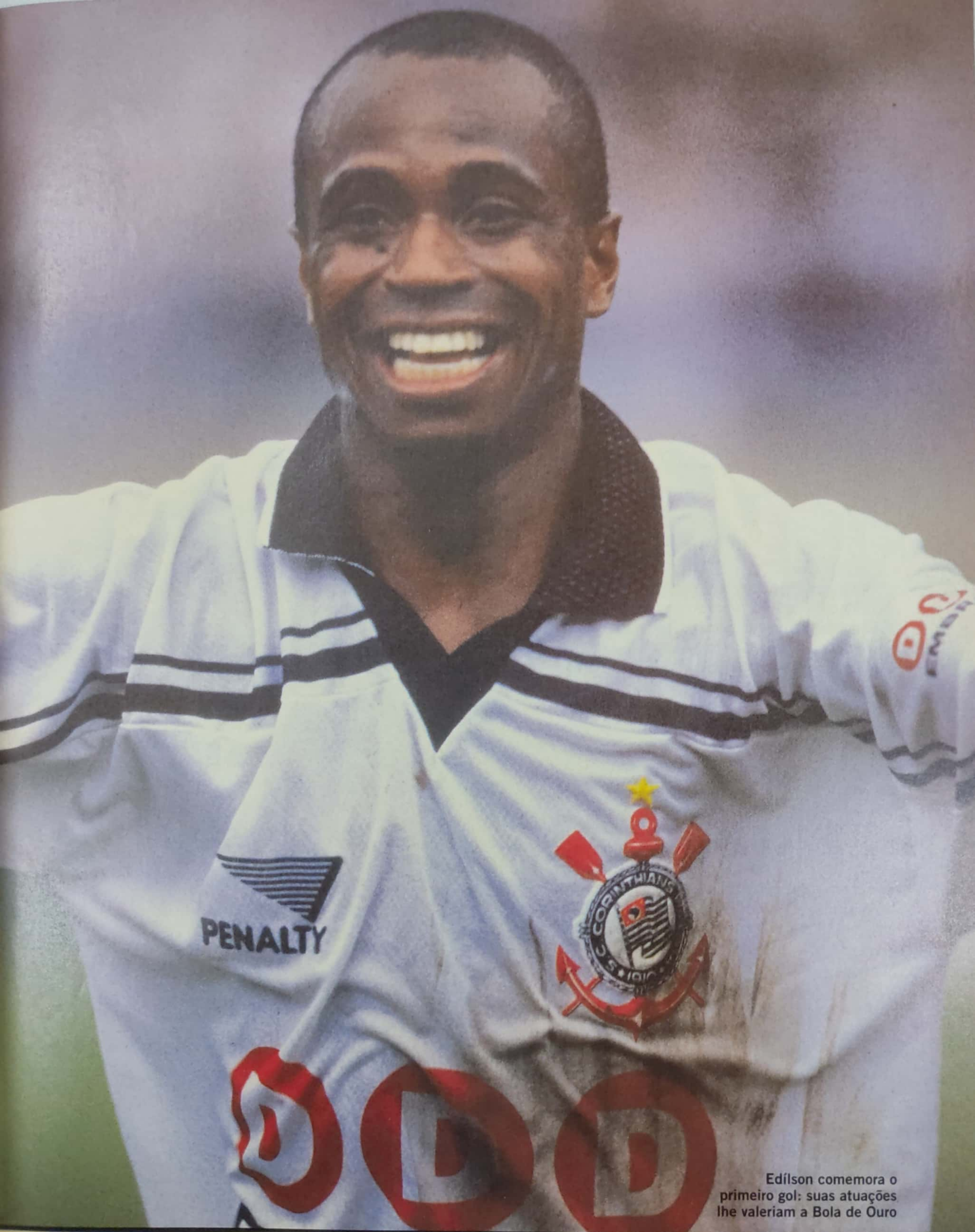
"DESDE O TEMPO DE ZENON E SÓCRATES NÃO SE VIA UM MEIO DE CAMPO TÃO HABILIDOSO. E NÃO É SEMPRE QUE SE ACHA UMA DUPLA DE GOLEADORES TÃO MORTAL QUANTO MARCELINHO E EDÍLSON"

23/12/98 MORUMBI (SÃO PAULO)

CORINTHIANS 2 X 0 CRUZEIRO

J: Carlos Eugênio Simon (RS); **P:** 57 230; **G:** Edílson 25 e Marcelinho 35 do 2º; **CA:** Batata, Rincón e Gustavo

CORINTHIANS: Nei, Índio, Batata (Cris), Gamarra e Silvinho; Ricardinho (Amaral), Vampeta, Rincón e Marcelinho Carioca; Edílson e Mirandinha (Dinei). **T:** Wanderley Luxemburgo

CRUZEIRO: Dida, Gustavo (Alex Alves), Marcelo Djian, João Carlos e Gilberto; Valdir (Marcelo Ramos), Ricardinho (Caio), Djair e Valdo; Müller e Fábio Júnior. **T:** Levir Culpi

Edílson comemora o primeiro gol: suas atuações lhe valeriam a Bola de Ouro

NO PRIMEIRO JOGO DECISIVO, o Corinthians venceu por 3 x 0, praticamente liqüidando a fatura. Mas decisão com o Palmeiras é sempre tensa, e essa acabaria numa briga histórica

VINGANÇA EM PRETO E BRANCO

O Corinthians prova que foi injustiçado pela sorte na Libertadores e, em casa, é ainda melhor que o rival

Na prática, o Campeonato Paulista de 1999 foi conquistado com uma semana de antecedência. Mais precisamente no primeiro jogo das finais, quando a vitória do Corinthians sobre o Palmeiras por 3 x 0 garantiu a tranqüila vantagem de poder perder por até dois gols de diferença no segundo jogo. Para os corintianos, porém, no domingo chuvoso do Morumbi havia mais o que provar. Que a desclassificação da Libertadores nos pênaltis, para o mesmo adversário, há pouco mais de um mês, foi puro azar. Que o Timão não devia nada a ninguém. Muito menos ao maior rival.

Por isso, os dias que antecederam a bata-lha final foram marcados por trocas de provocações. Era Paulo Nunes desvalorizando o título paulista para cá, Marcelinho revidando para lá. No dia decisivo, a violência explodiu aos 32 minutos do segundo tempo. Depois da festa do gol de empate corintiano em 2 x 2, Edílson, o herói do título, não resisitiu à tentação. Controlou a bola na frente dos adversários, passando-a por trás da cabeça. Foi o bastante para que enfurecidos palmeirenses o atacassem, primeiro Júnior, depois Zinho e Paulo Nunes, explodindo a batalha campal. Em seguida, o juiz encerrou o jogo e a festa da Fiel começou.

Foi uma glória mais que merecida, apesar da campanha na primeira fase, simplesmente de doer: oito vitórias, dois empates e seis derrotas, incluindo goleadas sofridas nos clássicos contra São Paulo (0 x 3), Portuguesa (2 x 4) e Santos (2 x 4), além de um 1 x 4 para o Mogi Mirim no Parque São Jorge. Àquela altura, Libertadores e Copa do Brasil eram prioridades. O Paulistão era tarefa dos reservas.

Mas a Copa do Brasil passou, a Libertadores também. E, para desespero de quem sonhava com o título, o Timão voltou ao páreo. Para o Corinthians, este campeonato só começou para valer na noite de 7 de maio, uma sexta-feira, em Santa Bárbara d'Oeste. O time da casa estava um ponto na frente, de olho na segunda vaga do grupo para ir às semifinais (a primeira já era do Santos). Oswaldo de Oliveira resolveu escalar os titulares. Noventa minutos depois, o Corinthians fazia 3 x 1. Depois, foi só administrar a vaga, com direito a um 5 x 1 contra o Santos.

As semifinais e finais só confirmaram que, quando o Corinthians resolveu jogar bola, não teve para ninguém. O primeiro a cair foi o São Paulo, time de melhor campanha até então. Os 4 x 0 na primeira partida reverteram a vantagem e mataram o Tricolor. Na volta, bastou um empate (1 x 1) para a Fiel assistir ao que ela mais queria: vingança contra o Palmeiras. Então, tudo foi festa para o papão de títulos do Estado (são, agora, 23 conquistas contra 21 do Palmeiras, 18 do São Paulo e 15 do Santos). Falem o que quiserem. Mas, em São Paulo — onde fica, inclusive, a sede do Palmeiras —, ninguém é maior que o Timão.

> "POR ISSO, OS DIAS QUE ANTECEDERAM A BATA-LHA FINAL FORAM MARCADOS POR TROCAS DE PROVOCAÇÕES. ERA PAULO NUNES DESVALORIZANDO O TÍTULO PAULISTA PARA CÁ, MARCELINHO REVIDANDO PARA LÁ"

20/6/99 MORUMBI (SÃO PAULO)
CORINTHIANS 2 X 2 PALMEIRAS
J: Paulo César de Oliveira (SP);
G: Marcelinho Carioca 34, Evair 36 e 39 do 1º; Edílson 29 do 2º; **CA:** Arce, Rincón, Maurício, Marcelinho Carioca e Edílson;
E: Cléber 19 do 1º
CORINTHIANS: Maurício, Índio, Gamarra, Nenê e Silvinho; Vampeta, Rincón, Ricardinho e Marcelinho Carioca; Edílson e Fernando Baiano (Dinei).
T: Oswaldo de Oliveira
PALMEIRAS: Marcos, Arce, Roque Júnior, Cléber e Júnior; Rogério, Alex (Agnaldo, depois Galeano) e Zinho; Paulo Nunes, Oséas e Evair. **T:** Luiz Felipe Scolari
Observação: A partida foi interrompida aos 32 minutos do 2º tempo, após uma briga generalizada.

Edílson revida a agressão de Paulo Nunes: a decisão terminou aí

Maurício, Gamarra e a taça: depois da confusão, festa

MAIS UMA VEZ OS PLAYOFFS foram favoráveis ao Corinthians, que soube aproveitar a vantagem da melhor campanha na primeira fase. A final contra o Atlético foi mais difícil do que aquela contra o Cruzeiro, no ano anterior, mas no final veio o bi

UM BICO NOS TABUS

Para ganhar mais um título, o Corinthians não precisou de jogadores jurando amor à camisa, da força da torcida e nem de um elenco unido. Enterrando esses e outros mitos do futebol, o time sobrou no Brasileirão >> POR FABIO VOLPE

Velhos rivais, Corinthians e São Paulo se enfrentaram mais uma vez nas semifinais do Campeonato Brasileiro. De um lado, a crença na raça do time, no poder de superação dos jogadores com a ajuda da torcida. Do outro, a aposta na equipe mais habilidosa e com a vantagem do empate devido à melhor campanha. Mas havia uma diferença fundamental, que dava ares de ineditismo ao confronto: desta vez, era o São Paulo quem exaltava sua garra e os alvinegros quem contavam com sua superioridade técnica.

Essa situação singular resume bem a transformação pela qual passou o Corinthians este ano antes de chegar à conquista do bicampeonato nacional. Transformação que deixou seus torcedores felizes com os títulos paulista e brasileiro, mas também confusos, pois a equipe abandonou o histórico amadorismo que sempre reinou no clube. Os cabeças-de-bagre que viravam heróis suando sangue pelo time deram lugar aos reforços milionários da Hicks Muse. A união do elenco que superava suas deficiências foi substituída por um grupo de jogadores individualistas, mas talentosos. Foi assim, caminhando com os olhos bem abertos em busca da taça e com os ouvidos fechados às críticas ao seu novo estilo, que o Corinthians conquistou um inédito bicampeonato nacional, derrubando vários tabus do futebol brasileiro e da própria história do clube.

Tabu número 1: jogador que cobra salário não tem amor à camisa

Com as provocativas embaixadas diante do rival Palmeiras na final do Campeonato Paulista de 1999, o atacante Edílson virou definitivamente um ídolo dos torcedores. Alguns, mais exaltados, fizeram até camisetas com a imagem da estripulia. Entretanto, menos de um mês após se imortalizar na mente dos corintianos e às vésperas do Campeonato Brasileiro, o Capetinha comunicou ao clube que pretendia se transferir para o Vasco atrás de um salário maior. Teve gente graúda na diretoria do clube que precisou ceder e engolir muito sapo para que o atacante permanecesse no Parque São Jorge. Situação financeira resolvida e questão esquecida por todos os envolvidos, Edílson tratou de infernizar a vida dos zagueiros adversários.

Tabu número 2: o grupo deve estar unido

Tirando a Seleção de 1990, é difícil puxar na memória algum elenco tão dividido como o do Corinthians de 1999. Recheado de jogadores com personalidades fortes, os choques foram inevitáveis ao longo da temporada. Marcelinho criticou em público a defesa após a derrota para o Vasco por 4 x 2, em São Paulo, revoltando os zagueiros. Márcio Costa e César Prates também trocaram acusações após a goleada de 4 x 0 sofrida diante do Atlético-MG no Maracanã

Tabu número 3: o apoio da torcida é decisivo

Das seis derrotas do Corinthians no Brasileirão, quatro foram em São Paulo. A equipe teve um aproveitamento de pontos maior fora (72%) do que dentro de casa. Em outros tempos, a falta de sintonia entre a equipe e a massa alvinegra poderia ter terminado numa campanha decepcionante. A maneira como o Corinthians superou esse obstáculo foi uma surpresa. Mais uma de um time que atropelou os adversários e velhos tabus para conquistar o bicampeonato nacional.

"JÁ RESPIRANDO OS ARES DA MODERNIDADE ADMINISTRATIVA TRAZIDA PELO PARCEIRO INTERNACIONAL, O CORINTHIANS PREFERIU MANTER UM PROJETO QUE VINHA SENDO TOCADO DESDE 1998"

22/12/99 MORUMBI (SÃO PAULO)
CORINTHIANS 0 X 0 ATLÉTICO-MG
J: Carlos Eugênio Simon (RS); **CA:** Gilmar, Rincón, Marcelinho, Edílson, Galván, Caçapa e Gallo; **E:** Belletti
CORINTHIANS: Dida, Índio, João Carlos, Márcio Costa e Kléber; Gilmar (Edu), Vampeta (Marcos Senna), Rincón e Ricardinho; Marcelinho (Dinei) e Edílson. **T:** Oswaldo de Oliveira
ATLÉTICO-MG: Velloso, Bruno, Galván, Caçapa e Ronildo; Gallo, Valdir (Mancini), Belletti e Robert (Adriano); Lincoln (Hernani) e Guilherme. **T:** Humberto Ramos

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Marcelinho e Edílson: Bola de Ouro em 1999 e 1998, respectivamente

A TORCIDA CORINTIANA repetiu a invasão de 1976 e o Timão jogou quase como se estivesse em casa. Depois de 120 minutos de batalha, o clube era o primeiro campeão mundial oficial da história

PARABÉNS, MUNDO

Quase 90 anos depois da fundação do Timão, o mundo tem o campeão que merece

Corinthians campeão mundial. Quando o vascaíno Edmundo enfiou nas nuvens a última cobrança de pênalti e deu por encerrada a final do primeiro Campeonato Mundial de Clubes reconhecido pela Fifa, um sonho de quase 90 anos se tornou realidade. No fundo, todo corintiano (e mesmo os torcedores rivais, diante da grandiosidade da Fiel e de tudo que envolve o clube) sempre soube: o destino alvinegro era mesmo conquistar uma coisa maior, talvez a maior que se possa alcançar. Mas como lutar contra a sorte madrasta? Primeiro, ela condenou o time a um martírio de mais de duas décadas sem um título estadual. Depois, quando a consagração nacional era o que interessava, foram 19 anos de espera pelo primeiro título brasileiro. Em seguida, mais uma série de desilusões na busca do reconhecimento internacional.

E foi como sempre costuma ser. Sofrido, dramático, bem a cara do Timão. No tempo normal, o Corinthians conseguiu segurar ninguém menos do que Edmundo e Romário no ataque dos sonhos. Teve, é verdade, até algumas chances de liqüidar a parada no segundo tempo e na prorrogação. Mas que graça teria vencer fácil, sem suor, lágrimas e taquicardias? A vitória precisava vir mesmo nos pênaltis. O título parecia que viria de forma mais sossegada depois que Dida, sempre ele, pegou a terceira cobrança do vascaíno Gilberto. Mas Marcelinho, logo ele, perderia a ultima cobrança corintiana, deixando tudo nas mãos de Dida. E não é que Edmundo chutou desviado?

Também sai vencedora a torcida do Corinthians, que na final se tornou a maior responsável pela vitória alvinegra. Quem estava lá não vai esquecer do hipnótico canto "Oô oô... Todo-poderoso Timão..." que empurrou o time até o fim.

Havia 22 mil torcedores do Corinthians no Maracanã, mas é daqueles jogos que, daqui a 30 anos, todo corintiano que você conhece dirá que presenciou, naquele 14 de janeiro de 2000. De certa forma, estavam todos lá, sim. Uns mais que outros, é verdade. Dirce Ticchio Dugaich, 70 anos, corintiana da Mooca, foi "batizada" aos 15, numa virada do Corinthians por 4 x 2 em cima da Portuguesa, em 1944, na Fazendinha, e não parou mais. Pegou um ônibus às 2h da manhã na sede da Gaviões da Fiel para chegar ao Maracanã junto com a abertura dos portões, às 15h. Deixou o Rio rouca de tanto gritar. "Parecia um lamento. Que coisa linda", emocionou-se.

Flávio Nakata, 24 anos, corintiano do Butantã, foi o último fiel a chegar ao Maracanã. Saiu do trabalho às seis e correu para Congonhas. Quando o avião decolou, corriam 20 minutos do primeiro tempo. Chegando ao Maracanã, descobriu que o motorista do táxi o deixara do lado oposto à sua entrada. Flávio correu para outro táxi. "Não posso sair da fila", resmungou o chofer. "Nem por dez reais?" Meia-volta no Maracanã não custaria mais de três, mas foi o dinheiro mais bem investido da vida de Flávio, que ganha a vida investindo o dinheiro dos outros. Ele entrou no estádio a tempo de pegar a prorrogação e os pênaltis. "Podia ter chegado lá no Rio e estar 5 x 0 para o Vasco. Mas se eu não fosse, nunca ia me perdoar. O resto não conta." Não conta mesmo.

"FLÁVIO NAKATA, 24 ANOS, CORINTIANO DO BUTANTÃ, FOI O ÚLTIMO FIEL A CHEGAR AO MARACANÃ. SAIU DO TRABALHO ÀS SEIS E CORREU PARA CONGONHAS"

14/1/2000 MARACANÃ (RIO)
VASCO 0 X 0 CORINTHIANS
J: Dick Jol (Holanda); **CA:** Felipe, Rincón, Amaral, Paulo Miranda, Adílson, Índio, Edmundo e Luizão; **Nos pênaltis:** Corinthians 4 (Rincón, Fernando Baiano, Luizão e Edu; Marcelinho Carioca perdeu) x 3 Vasco (Romário, Alex Oliveira e Viola; Gilberto e Edmundo perderam))
VASCO: Hélton, Paulo Miranda, Odvan, Mauro Galvão e Gilberto; Amaral, Felipe (Alex Oliveira), Juninho (Viola) e Ramón (Donizete); Edmundo e Romário.
T: Antônio Lopes
CORINTHIANS: Dida, Índio, Fábio Luciano, Adílson e Kléber; Vampeta (Gilmar), Rincón, Marcelinho Carioca e Ricardinho (Edu); Edílson (Fernando Baiano) e Luizão. **T:** Oswaldo de Oliveira

O capitão Rincón e a maior taça da história corintiana

NINGUÉM ACREDITAVA nas chances do Corinthians quando começou o campeonato. A reação culminou com a virada no último instante da semifinal contra o Santos. E a decisão foi fácil demais

SOFRER PRA QUÊ?

Depois da inacreditável reação do time na primeira fase, a torcida corintiana merecia descanso nas finais: o segundo jogo não foi nada além de um amistoso para entregar a taça

Corintiano gosta de sofrer. Todo mundo sabe disso. Mas a cota de sofrimento da torcida alvinegra neste Paulistão terminou aos 48 minutos do segundo tempo, na semifinal contra o Santos. Até aquele momento, quando saiu o gol de Ricardinho que classificou o time para a final, o Corinthians sofreu não só para chegar à decisão como também para dar uma virada incrível na competição, deixando a antepenúltima posição para chegar ao título.

No jogo decisivo, o Timão entrou em campo podendo perder por até três gols de diferença da modesta equipe do Botafogo, derrotada implacavelmente em Ribeirão Preto por 3 x 0 na primeira partida da final. Com toda essa vantagem, não havia como os corintianos sofrerem um minuto sequer na tarde em que comemoraram o 24º título paulista.

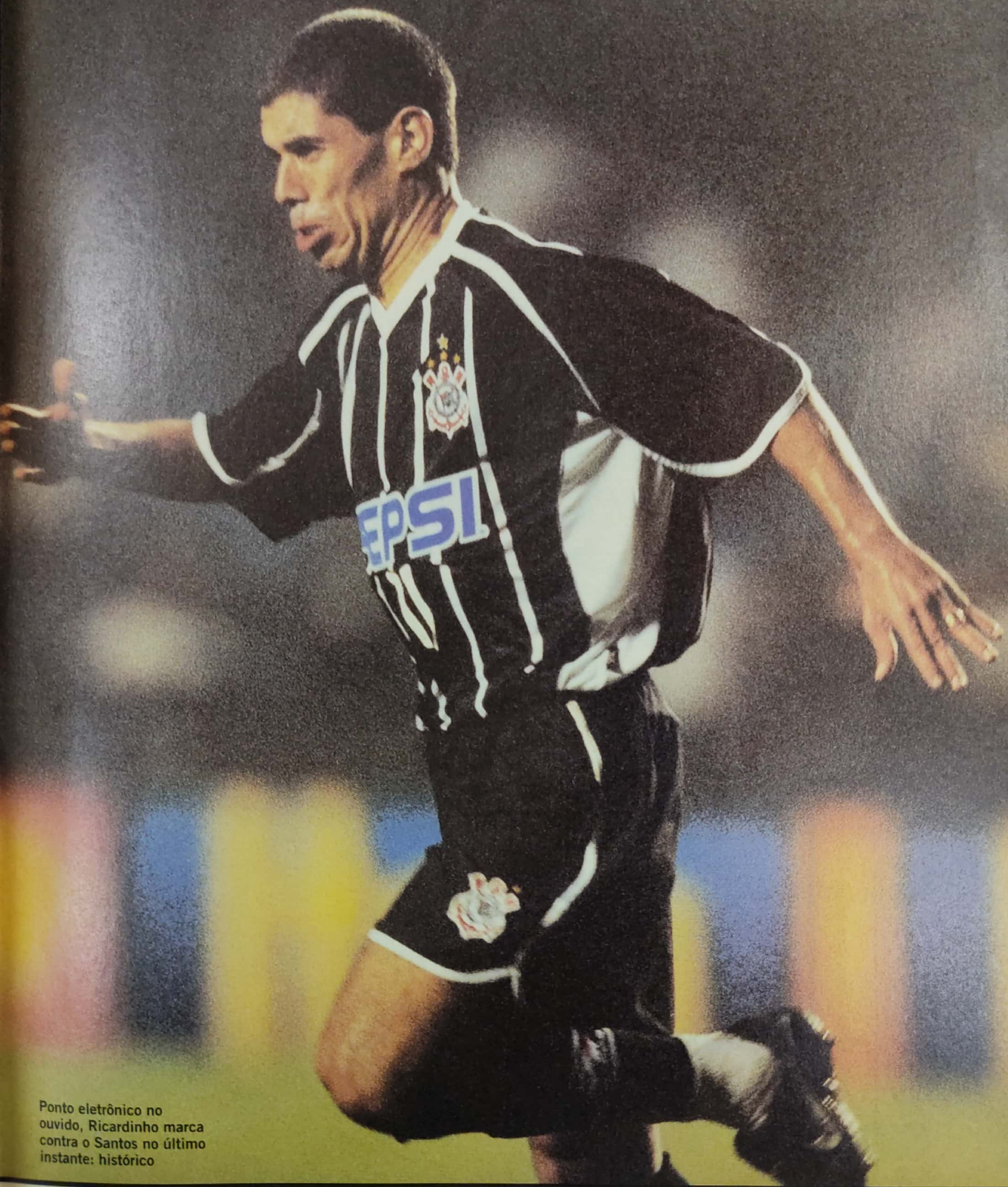
O campeonato já estava decidido antes mesmo de a bola começar a rolar. O Botafogo, que precisava fazer quatro, entrou disposto apenas a não tomar nenhum. Jogando contra um adversário retrancado, o Corinthians foi para cima carregado por um inspirado Marcelinho. O meia, artilheiro do time no torneio com 11 gols, deu um show à parte no primeiro tempo. Foi calcanhar pra cá, chaleira pra lá, chapéu, bicicleta e uma sensacional bola na trave, aos 34 minutos, que ele colocou com capricho por cima do goleiro Doni.

No segundo tempo, finalmente o adversário resolveu jogar, o que serviu só para consagrar outro herói corintiano. Maurício fez pelo menos cinco belas defesas, não dando ao Botafogo nem o gostinho de mandar a bola para a rede nos 180 minutos das duas partidas decisivas.

Com a vantagem de três gols ainda intacta e o goleiro alvinegro pegando tudo, os 80 mil corintianos presentes no Morumbi já começaram a comemorar o título a partir dos 15 minutos da etapa final. O grito de "É campeão" só foi interrompido pela saudação aos jogadores, pelo tradicional olé e pelas vaias ao árbitro Alfredo Loebling, que não marcou um pênalti claro em Gil aos 38 minutos.

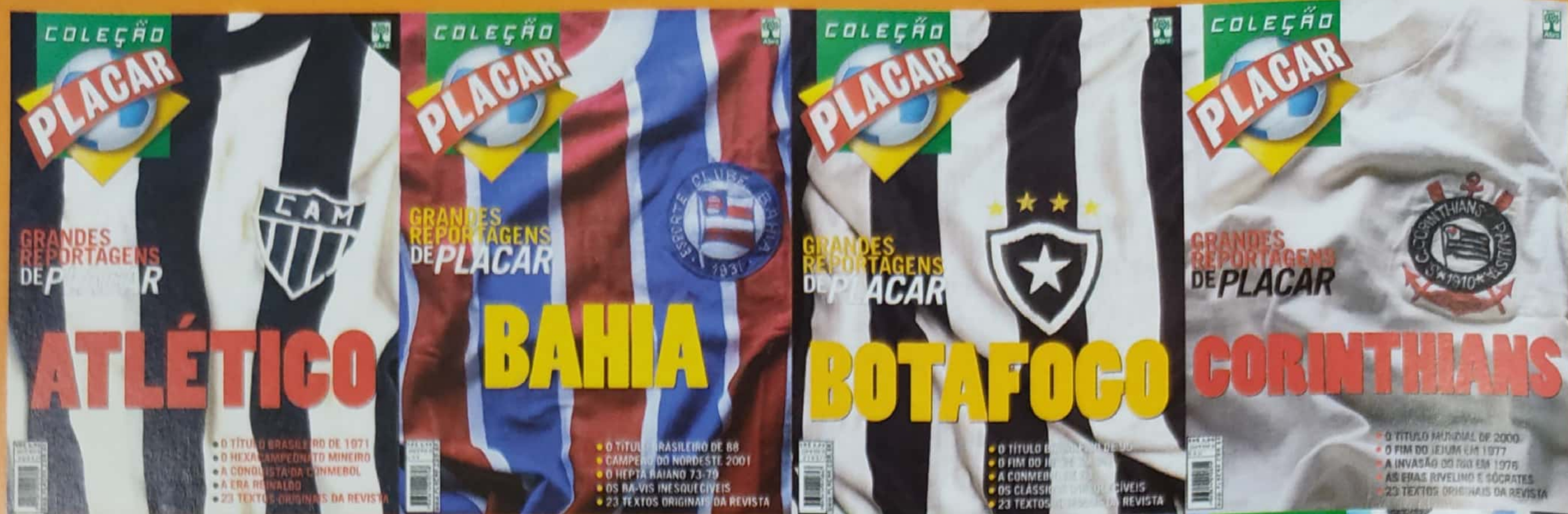
Desse lance poderia ter nascido o gol que daria um gostinho ainda melhor ao título. Mas, mesmo sem ele, a Fiel pôde fazer sua merecida festa. Uma festa alegre e que em nenhum momento esteve ameaçada. O único sofrimento mesmo foi a chuva que castigou os torcedores durante todo o domingo.

"COM A VANTAGEM DE TRÊS GOLS AINDA INTACTA E O GOLEIRO ALVINEGRO PEGANDO TUDO, OS 80 MIL CORINTIANOS PRESENTES NO MORUMBI JÁ COMEÇARAM A COMEMORAR O TÍTULO A PARTIR DOS 15 MINUTOS DA ETAPA FINAL"

27/5/2001 MORUMBI (SÃO PAULO)
CORINTHIANS 0 X 0 BOTAFOGO
J: Edílson Carvalho e Alfredo Loebling; **CA:** Gil e Douglas
CORINTHIANS: Maurício (Gléguer), Rogério, João Carlos, Scheidt (Fábio Luciano) e Kléber; Marcos Senna (Gallo), André Luiz, Marcelinho e Ricardinho; Ewerthon e Gil. **T:** Wanderley Luxemburgo
BOTAFOGO: Doni, Augusto, Chris e Bell; Gustavinho (César), Douglas, Róbson Nese (Chicão), Luciano Ratinho (Gauchinho) e Jadílson; Robert e Leandro. **T:** Lori Sandri

Ponto eletrônico no ouvido, Ricardinho marca contra o Santos no último instante: histórico

CORINTHIANS CAMPEÃO PAULISTA 1977

EM PÉ: Zé Maria, Tobias, Moisés, Ruço, Ademir e Wladimir; **AGACHADOS:** Vaguinho, Basílio, Geraldão, Luciano e Romeu

MANOEL MOTTA

A HISTÓRIA DA ARTE

Uma coletânea com as melhores matérias e fotos dos 13 maiores clubes brasileiros, publicadas em PLACAR desde os anos 70.

Peça já ao seu jornaleiro

ESPECIAL PLACAR